

INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS

Campus Ouro Preto

Italo Mendonça Ribeiro

Dossiê de tombamento do Sistema Minerário Boa Vista em Catas Altas - MG

OURO PRETO

2018

Italo Mendonça Ribeiro

Dossiê de tombamento do Sistema Minerário Boa Vista em Catas Altas - MG

Monografia apresentada à Diretoria de Graduação e Pós-graduação do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto como requisito parcial para obtenção de título de Tecnólogo em Conservação e Restauro de Bens Imóveis.

Orientador: Rodrigo O. M. Meniconi

Ouro Preto
2018

ITALO MENDONÇA RIBEIRO

DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DO SISTEMA MINERÁRIO BOA VISTA EM
CATAS ALTAS – MG

Trabalho de conclusão de curso submetido à banca examinadora designada pela Diretoria de Pesquisa, Graduação e Pós-graduação do Instituto Federal Minas Gerais – Campus Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Conservação e Restauro de Bens Imóveis.

Aprovado em 27 de Agosto de 2018 por:

Prof. Rodrigo Meniconi
IFMG – Campus Ouro Preto

Prof. Fernando Cardoso
IFMG – Campus Ouro Preto

Prof. Liliane Sayeghi
IFMG – Campus Ouro Preto

Aos que lutam pela
preservação de nosso
patrimônio histórico cultural.

AGRADECIMENTOS

Aos professores que, cada um a seu modo, me fizeram sentir que vale a pena a luta pela preservação de nossa história, aquela contada pelas fundações, paredes e telhados, que teimam em continuar de pé mesmo diante de tamanho descaso.

Aos companheiros de classe, mesmo aos que desanimaram pelo caminho, por toda a experiência trocada e momentos vividos.

Aos amigos presentes na caminhada que gerou tudo isto, e que provavelmente se lembram das minhas falas daquele dia.

A toda família, sem exceções, que sempre esteve acompanhando essa jornada.

Ao meu padrinho e tio, Thomaz Rinco e ao meu primo Alex Rinco, que toparam ficar perdidos na mata até que encontrássemos os mundéus.

Especialmente a minha mãe Regina Rinco, e minha noiva Kethllen Silva, que mais do que ninguém sabem o quanto me esforcei para tudo isto acontecer.

Gratidão a todos !

RESUMO

Conforme a Constituição Federal de 1988, compete ao Estado e ao cidadão o dever de salvaguardar os bens culturais históricos. O período histórico compreendido por ciclo do ouro ocorrido em Minas Gerais no século XVIII deixou registros históricos de seu modo de exploração aurífera pelas encostas das serras mineiras como o Sistema Minerário Boa Vista em Catas Altas, na serra do Caraça, cujo descobrimento se deu no ano de 2017. Assim, esta monografia tem por objetivo relatar a descoberta e propor a salvaguarda deste bem cultural histórico edificado, através do instrumento de proteção do tombamento. Utilizaram-se como meios de pesquisa, o próprio sistema minerário, diversos acervos físicos e digitais além de relatos informais de moradores locais de maior idade. Alguns dos resultados formam uma melhor descrição visual do bem, como: descrição do sistema minerário, fichas fotográficas, levantamento arquitetônico e laudo do estado de conservação. O objetivo final desta pesquisa é a proposta de tombamento a nível municipal que será submetida ao poder Executivo municipal de Catas Altas para apreciação. O tombamento contribuiria positivamente como forma de se possibilitar uma melhor interpretação sobre as origens do município, e também para a história como um todo, através da preservação de um feito que há muito estava escondido nos morros em meio às matas e que ajudou a construir a história do município.

Palavras-chave: Tombamento, Sistema minerário, Catas Altas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Localização de Catas Altas em Minas Gerais.	22
FIGURA 2: Delimitação do Morro Boa Vista	26
FIGURA 3: Localização indicada da Mina Boa Vista.	28
FIGURA 4: Localização aproximada do Sistema Minerário Boa Vista.	30
FIGURA 5: Localização e distância aproximada entre o Sistema Minerário Boa Vista e a Mina Boa Vista.	31
FIGURA 6: Vista do Sistema Minerário para a cidade.	33
FIGURA 7: Provável reservatório d'água circular	36
Figura 8: Bica condutora de água/material. (comprimento do facão: 50 cm)	37
FIGURA 9: Parede divisória dos tanques e saída de material do tanque principal.....	37
FIGURA 10: Setor de apuração. Nas bordas os arrimos, duas canoas e ao centro parede dos tanques.	38
FIGURA 11: Trecho em curva do acesso arrimado	39
FIGURA 12: Provável tanque de apuração de material	39
FIGURA 13: Retângulo imaginário delimitador da área de tombamento (sem escala).	73
Figura 14: Circunferência imaginária delimitadora da área de entorno de tombamento (sem escala).	74

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Quantitativo de elementos individuais evidenciados.....	35
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural)

IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais
Renováveis)

SUMÁRIO

RELATO DE UMA DESCOBERTA	12
1- INTRODUÇÃO	15
2- METODOLOGIA DE PESQUISA	17
3- O TOMBAMENTO COMO INSTRUMENTO DE PROTEÇÃO	19
4-CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	20
<i>4.1- Relação colonial</i>	<i>20</i>
<i>4.2- O ciclo do ouro em Minas Gerais, uma breve narrativa</i>	<i>21</i>
5- A CIDADE DE CATAS ALTAS	22
<i>5.1-Dados sobre a cidade</i>	<i>22</i>
<i>5.2- Histórico da cidade</i>	<i>23</i>
<i>5.3- Contextualização acerca do nome “Boa Vista”</i>	<i>25</i>
<i>5.3.1- Morro Boa Vista no contexto municipal</i>	<i>25</i>
<i>5.3.2- Mina Boa Vista evidenciada nas pesquisas</i>	<i>26</i>
<i>5.3.3–Mina Boa vista segundo os Catas-Altenses.....</i>	<i>28</i>
<i>5.3.4 – Conclusões sobre a mina Boa Vista.....</i>	<i>29</i>
6- CONTEXTUALIZAÇÃO DO SISTEMA MINERÁRIO BOA VISTA..	30
<i>6.1- Localização</i>	<i>30</i>
<i>6.2- Aspectos geográficos do entorno imediato</i>	<i>31</i>
<i>6.2.1- Quanto ao relevo</i>	<i>31</i>
<i>6.2.2- Quanto à vegetação</i>	<i>32</i>
<i>6.2.3- Quanto à insolação</i>	<i>32</i>
<i>6.2.4- Quanto à ventilação</i>	<i>32</i>
<i>6.3-Breve explicação sobre os métodos minerários setecentistas com foco no sistema analisado</i>	<i>33</i>
<i>6.4- Estruturas localizadas</i>	<i>35</i>
<i>6.4.1- Principais estruturas edificadas do sistema</i>	<i>36</i>
<i>6.4.2- Estruturas edificadas anexas ao sistema.....</i>	<i>38</i>
7- REPRESENTAÇÃO GRÁFICA	40
<i>7.1- Levantamento arquitetônico.....</i>	<i>40</i>
<i>7.2-Registro fotográfico</i>	<i>45</i>

8- LAUDO TÉCNICO: ESTADO DE CONSERVAÇÃO	68
<i>8.1- Laudo técnico sobre o estado de conservação</i>	<i>68</i>
9- DESCRIÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PERÍMETRO DE TOMBAMENTO	72
<i>9.1- Justificativa sobre a delimitação de tombamento.....</i>	<i>73</i>
10- DESCRIÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PERÍMETRO DE ENTORNO AO TOMBAMENTO	74
<i>10.1- Justificativa sobre a delimitação do perímetro de entorno ao tombamento.....</i>	<i>75</i>
11- DIRETRIZES DE PRESERVAÇÃO.....	76
12- CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	79

RELATO DE UMA DESCOBERTA

Sábado, 10 de Junho de 2017 durante uma caminhada aos pés da magnífica serra do Caraça na cidade de Catas Altas- MG, um grupo de aproximadamente 9 amigos onde eu, Italo Mendonça felizmente estava presente naquela que seria para mim uma das mais importantes caminhadas deste tipo já realizadas por esta imponente serra.

Com algumas frutas e água em pequenas mochilas, além de ferramentas como facão e foice às mãos, logo cedo iniciamos a caminhada política, sim discutíamos política enquanto caminhávamos pelo mato.

Andando em meio à densa mata e subindo pelas encostas do morro Boa vista, nos deparamos inicialmente, depois de algum tempo de caminhada, com uma estrutura de pedras empilhadas, ordenadas como um muro, neste momento, instintivamente, após analisar rapidamente aquela estrutura logo providenciei algumas fotos com o celular tendo a foice como escala comparativa. Era apenas o início da descoberta que seria realizada.

Logo a frente outra estrutura semelhante, e maior entusiasmo, logo o grupo já discutia as hipóteses sobre quem os fez e qual seria a finalidade.

Não muito distante dali uma nova descoberta se revelava aos gritos de um companheiro que puxava a fila, uma pequena ponte de pedra sobre um canal de água que estava seco, neste momento mais entusiasmado ainda providenciei novas fotos.

Ao mesmo tempo novos gritos vinham dos que estavam mais a frente “Tem uma parede de pedra aqui!”, neste momento, sorridente e ofegante, ao finalizar as fotos da pequena ponte sigo cerca de 10 metros e então tenho a primeira visão de uma grandiosa estrutura de rochas no meio de toda a vegetação.

Ali foi o ápice, aquela visão já me trazia pensamentos ligados à minha graduação de conservador restaurador de bens imóveis que ainda estava em curso, tratei logo de descer até aquelas magníficas estruturas e vê-las de perto, sem compreender do que se tratava, mas completamente maravilhado.

A chegada se deu por cima de uma larga parede de pedras que claramente formava uma espécie de tanque.

Eram dois os tanques de pedras, lado a lado, dentro deles me senti pequeno das suas dimensões e toda aquela vegetação, cujas copas me permitia pouca visão do céu azul acima, ao mesmo tempo fiquei fascinado com a perfeição das paredes.

O esquadreamento quase perfeito de um dos vértices me causou espanto, assim como o alinhamento e o prumo da longa parede que separava aqueles dois ambientes.

Lembro perfeitamente o grupo passando rapidamente por ali para continuar a caminhada, que tinha um objetivo específico de alcançar a mineração que se localiza a algumas poucas centenas de metros acima. Já em meus pensamentos não passava nada além de “Preciso registrar isto!” então fiquei para trás enquanto o grupo sumiu pela mata adentro.

Pouco depois já não ouvia mais o grupo, enquanto fiquei admirando tudo aquilo e fazendo meus registros e refletindo sobre aquela descoberta por alguns minutos a sós naquele ambiente.

Ali, naquele momento, minha intuição já me dizia que aquelas estruturas fariam parte do meu futuro acadêmico de alguma forma.

Após alguns assovios meus e resposta dos amigos localizo e me junto ao grupo e então seguimos em frente por um canal de água, também seco, em que alguns trechos de suas paredes estranhamente possuíam pequenos muros de arrimo parcialmente desmoronados.

Depois de mais algumas horas de caminhada, boa prosa e reflexões políticas, alcançamos o objetivo da caminhada e retornamos à cidade, de carona com outro companheiro que foi nos buscar próximo ao Bicame de pedras.

Em minha cabeça não passava muita coisa além de pensar sobre aquele achado, como aquilo tudo se relacionava com a cidade, e a principal pergunta: “O que eram aquelas estruturas tão bem elaboradas?”.

Passados alguns dias, conversando com parte do grupo comentávamos sobre a descoberta e claramente o mais empolgado com ela era eu.

Em minha cabeça era obvio que a descoberta se relacionava com algum período dos primórdios de Catas Altas, que estava abandonado havia muito tempo e que havíamos feito a descoberta histórica de uma ruína.

Meu pensamento acadêmico me levou a imaginar como aquele bem histórico deveria ser tratado na comunidade, o instinto logo me inclinou a pensar em algum meio de proteção para ele e obviamente uma pesquisa histórica em busca de registros.

Passado algum tempo estive no Morro D’água Quente, distrito de Catas Altas, junto de minha namorada e conhecemos através de um amigo, e de sua aula que nos fora

dada, o mundéu existente no distrito do Morro D'Água Quente, conhecido por muitos como curral dos cabritos, e de pronto entendi o que eram aquelas estruturas descobertas durante a caminhada no morro Boa vista.

Eram parte de um sistema minerário semelhante a outras estruturas do primórdio da extração aurífera ocorrida por toda a região e iniciada em Ouro Preto nos séculos passados.

E assim, unindo minha paixão declarada por esta cidade e sua história, motivado pela descoberta histórica de algo que se manteve guardado durante anos em meio as matas, e fortalecido por minha graduação ainda em curso, reafirmei que aquela descoberta seria o meu futuro acadêmico.

E, muito antes do que eu mesmo pudesse imaginar tornou-se, de fato, parte do meu presente.

Segue-se então as primeiras pesquisas realizadas sobre o Sistema minerário Boa vista em Catas Altas - MG.

1- INTRODUÇÃO

Durante as expedições bandeirantes no Brasil, mais precisamente no último quarto do século XVII em Minas Gerais, as crescentes descobertas minerais no interior, até então pouco ou nada desbravado pelos portugueses, foram responsáveis por uma primeira onda migratória para a região.

Fomentados pelo interesse da Coroa Portuguesa em conseguir mais minerais como o ouro, que lhe gerava grande arrecadação através do envio de grande parte dos achados como impostos estipulados, foram enviadas expedições ao interior da colônia que resultaram no descobrimento de ricas jazidas auríferas na região de Ouro Preto e entorno, e que, segundo Ferreira (2017) deu início de fato à corrida do ouro no Brasil

Assim, com o interesse em compreender mais sobre a colônia, durante o século XIX pesquisadores de várias áreas das ciências percorriam o território descrevendo em seus diários aspectos da geologia, fauna e flora, e também sobre o desenvolvimento das regiões por onde passavam, relatando as formações de vilas e arraiais e os costumes de seus povos.

Neste contexto se insere a cidade de Catas Altas com suas jazidas auríferas, que foram amplamente exploradas pelos portugueses utilizando mão de obra escrava, primeiramente dos povos nativos e, posteriormente, dos africanos.

Como registros deste momento histórico, ainda hoje são evidenciadas diversas estruturas remanescentes edificadas no decorrer do tempo, estando entre elas os sistemas minerários construídos para possibilitar as explorações.

Recentemente, as ruínas de um destes sistemas foram descobertas em Catas Altas e permanecem em bom estado de conservação. Aparentemente houve ali apenas a ação do tempo observada a condição em que as estruturas foram descobertas, em meio a vegetação e sem indícios de presença humana. Portanto, o intuito deste estudo é o de iniciar e inspirar pesquisas que possam apontar aspectos sobre o sítio histórico localizado, sua inserção no meio natural, e como possivelmente se dava sua atividade.

Assim, ao recorrer ao tombamento, um dos principais meios de proteção legal do patrimônio histórico no Brasil, que remonta ao Decreto-Lei nº25, de 30 de Novembro de 1937, objetiva-se compreender melhor a história a partir da impossibilidade de

descaracterização ou demolição do bem, salvo mediante autorização de órgão competente; e a transmissão da história para a posteridade, utilizando não apenas os registros escritos nos livros, mas também sua materialidade propriamente dita.

Assim sendo, o objeto de estudo em discussão, aqui denominado Sistema Minerário Boa Vista, hoje em ruínas e descoberto por meio de caminhadas pela serra de Catas Altas, será amplamente apresentado no decorrer desta pesquisa e futura proposta de tombamento municipal.

2- METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta pesquisa, de cunho exploratório/descritiva, desenvolveu-se a partir de estudos preliminares sobre o tema da mineração dos séculos XVII e XVIII, com foco nos sistemas minerários utilizados durante a corrida do ouro, ocorrida principalmente no interior de Minas Gerais por volta dos anos 1700.

Propõe-se aqui uma revisão bibliográfica sobre a história do município e os sistemas minerários setecentistas, evidenciando fatos e relatos outrora registrados através de arquivos diversos.

As fontes de pesquisa separam-se em dois grupos, pesquisas *in loco* e pesquisas bibliográficas.

As pesquisas *in loco* foram desenvolvidas para contribuir com o entendimento geral do sistema aqui apresentado, partindo de observações que permitiram o lançamento de hipóteses e a produção de materiais de referência.

Quanto ao segundo grupo de pesquisa, foram realizadas consultas à bibliografia especializada e coletados os relatos de moradores, com o intuito de fundamentar os assuntos aqui abordados.

Durante as explorações realizadas à área estudada, que se localiza em região de morros e em meio à matas densas que tendem a sepultar o bem cultural, se fez necessária uma retirada manual da vegetação arbustiva do entorno. A vegetação diretamente integrada às estruturas por meio de suas raízes foi mantida.

Após a limpeza, procedeu-se ao levantamento arquitetônico, realizado utilizando basicamente uma trena do tipo eletrônica e materiais de desenho.

O registro fotográfico foi realizado a cada etapa, antes, durante e depois das atividades.

Realizou-se também o registro fotográfico de grande parte das estruturas do sistema minerário, que será demonstrado em fichas específicas.

Como produto da pesquisa, serão apresentadas as ruínas do Sistema Minerário Boa Vista, sua contextualização e registros gerados a partir da pesquisa de campo, acompanhado de um laudo técnico que abordará o estado de conservação do bem assim

como foi localizado; das descrições e delimitações do perímetro de tombamento e de entorno de tombamento; e das diretrizes de preservação.

3- O TOMBAMENTO COMO INSTRUMENTO DE PROTEÇÃO

Conforme a Constituição Federal de 1988, art.23,III, compete à União, aos estados e aos municípios a proteção do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural Nacional.

Art.23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos;

Compete ainda aos municípios, conforme a Constituição Federal (art.30,IX), “promover a proteção do patrimônio histórico-cultural local, observada a legislação e a ação fiscalizadora federal e estadual.”

Em nível federal, o instrumento de proteção denominado “Tombamento”, assim como outras formas de salvaguarda como o “Registro” e o “Inventário” foram criados através do Decreto-Lei nº25, de 30 de Novembro de 1937, sendo esta a primeira ação legal de proteção dos bens culturais como um todo, com exceção dos imateriais.

Mais adiante, em 1988 a Constituição Federal em seu art.216 amplia o entendimento de bens culturais dizendo constituir “[...] patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]”.

Para efetivação do tombamento de um bem, este deve ser inscrito pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Artístico Nacional) em um, ou mais, dos quatro possíveis livros do tomo, conforme instituído pelo Decreto-Lei acima citado: Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Livro do Tombo Histórico; Livro do Tombo das Belas Artes e Livro do Tombo das Artes Aplicadas, conforme seja sua natureza.

Após ser tombado, o bem passa a ter, oficialmente, valor histórico para a união e conseqüentemente para a sociedade, devendo estes então zelar pela sua conservação, preservação, e proteção, sendo então aplicadas sobre ele as normativas da Constituição Federal.

4-CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

4.1- *Relação colonial*

Entre os séculos XVI e XVIII, a Coroa Portuguesa impunha sobre o Brasil colonial uma série de leis, normas e regras sobre o mercado.

A partir deste conjunto de normativas o Brasil só poderia ter relações comerciais com Portugal, o que garantia elevados ganhos para a metrópole que utilizava mão de obra escrava, tanto indígena quanto Africana.

Com o intuito de arrecadar o máximo possível de riquezas, a coroa portuguesa impunha elevados e inconstantes impostos, além de leis que prejudicavam o desenvolvimento dos colonos, o que levou os bandeirantes a grandes frustrações e incertezas em relação aos seus empreendimentos minerários na região.

Em síntese, seguindo o pensamento do historiador Boris Fausto¹, podemos dizer que as colônias contribuía para que sua metrópole fosse autossuficiente, e atendesse apenas à sua metrópole na concorrência com as demais.

Tal relação resultou em uma série de levantes populares no Brasil, como a Guerra dos Emboabas (1707 - 1709) na qual os bandeirantes paulistas disputavam com os emboabas, portugueses e imigrantes oriundos de outras regiões, o direito de exploração das minas auríferas encontradas na região das Minas Gerais, que culminou, entre outras medidas, na instauração do Quinto, que determinava que 20% de todo o ouro encontrado deveria ser destinado a coroa portuguesa; e a Inconfidência Mineira, (1789) ocorrida durante o contexto do ciclo do ouro também em Minas Gerais, devido à cobrança do quinto e à gradual exaustão aurífera das minas, que levou a coroa portuguesa a instituir a Derrama que consistia do pagamento de 100 arrobas de ouro (1.500 quilos) anualmente.

Estes levantes ocorridos em Minas Gerais somado a outros espalhados pelo Brasil foram modelando a relação colonial ao longo dos anos, onde o desenvolvimento da colônia e outros fatores externos como a iminente invasão de tropas francesas no território português resultaram na vinda, ou fuga, da família real para o Brasil em 1808.

¹ FAUSTO, Boris. 1996, p.55

Neste contexto, o Brasil tornou-se Vice Reino, e houve a decisão por parte da Coroa de se transferir a capital para a cidade do Rio de Janeiro.

Em meio às várias razões que favoreciam tal transferência está o escoamento do ouro do interior de Minas Gerais para a cidade do Rio de Janeiro, facilitado pelo “caminho novo” da Estrada Real, que favorecia o controle de todo o ouro que era ali transportado.

4.2- O ciclo do ouro em Minas Gerais, uma breve narrativa

Próximo ao fim do século XVII, espalha-se a notícia de grandes achados auríferos nas Minas Gerais, ocasionando grandes movimentos de imigração chamados “Bandeiras” para o sudeste do país, vindos em grande parte da capitania de São Vicente, atual região de São Paulo, e que eram organizadas por particulares com a finalidade de encontrar jazidas para serem exploradas.

Segundo (FILHO *et al*, 2005) Uma destas expedições, a bandeira liderada por Antônio Dias, foi incumbida de alcançar o Pico do Itacolomi, onde, mais tarde, no final do século XVII foram descobertas as primeiras minas do território que se tornou Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto.

Conforme Ferreira (2017, p. 26) “Esse episódio provocou uma intensa corrida do ouro em direção ao interior do país ativando a vida socioeconômica do Brasil, [...] criando um novo centro de produção e consumo.”

Neste momento, com o incentivo da coroa, que também se beneficiaria dos achados, outras bandeiras saíram em busca de riquezas pelas Minas Gerais.

A região do entorno de Ouro preto acabou por se desenvolver de forma semelhante à da capital da província, a partir da exploração do terreno e das minas auríferas descobertas com o passar dos anos, assim possibilitando a criação de vilas que demandavam comércios internos, com a agricultura e pecuária a se desenvolver ao longo do tempo como exemplos de formas de suprir a demanda por alimentos, observada a população crescente e a expectativa de prosperidade dos que ali se instalavam.

Neste enredo surge a cidade de Catas Altas, na efervescência da corrida do ouro brasileira.

5- A CIDADE DE CATAS ALTAS

5.1-Dados sobre a cidade

Catas Altas é um município do estado de Minas Gerais localizado a 120 km a sudeste da capital Belo Horizonte e situa-se dentro do Quadrilátero Ferrífero, a Leste deste. É parte também da Estrada Real, estando inserida no caminho dos diamantes.

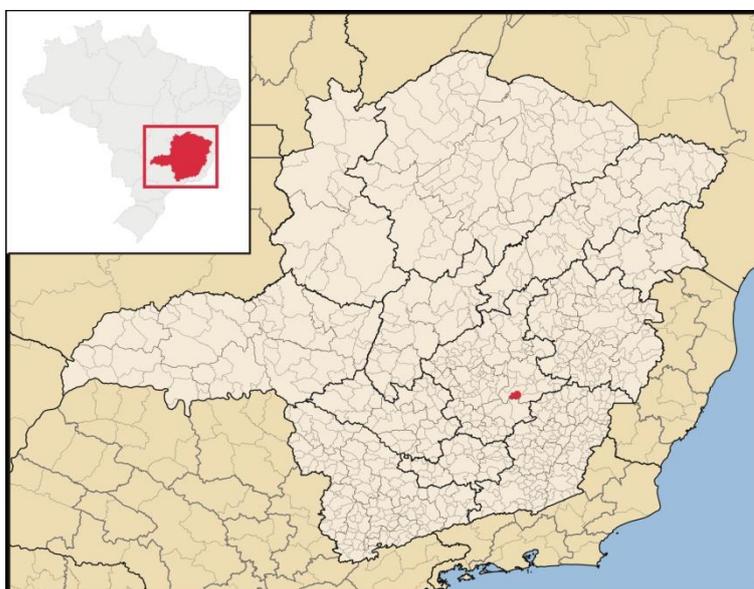


FIGURA 1- Localização de Catas Altas em Minas Gerais.
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Catas_Altas. Acesso em 05/08/2018.

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2018, o município possui área territorial de 240,042Km² e população de 5.316 habitantes².

Como município limítrofe ao norte e oeste está Santa Barbara, ao Sul Mariana e a Leste Alvinópolis.

De acordo com o site oficial da cidade, a economia gira em torno da mineração, agropecuária e turismo. Seu bioma é de Mata Atlântica (transição) e possui índice pluviométrico anual de 112,25mm.

² Segundo estimativa para o ano de 2017. Em 2010, último censo realizado a população era de 4.846 habitantes.

A RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) do Santuário do Caraça, instituída pela portaria Nº32, de 20 de Março de 1994 do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) está parcialmente localizada no município, estando o conjunto arquitetônico inserido em território Catas-Altense.

5.2- Histórico da cidade

Segundo Souza (1998), a origem da atual cidade de Catas Altas pode ter se dado a partir de descobertas auríferas realizadas no ano de 1695, já no final do Século XVII, de acordo com os registros históricos deixados por Monsenhor Mendes que registrou o que a história oral contava àqueles tempos, entretanto não há registros históricos precisos o suficiente para confirmá-la³.

As pesquisas do professor Ivo Porto de Menezes, ex-presidente do Patrimônio histórico de Minas Gerais evidenciam uma cronologia dos fatos acerca do surgimento de Catas Altas. Nestas pesquisas, cita-se a afirmação do professor Francisco de Assis Carvalho Franco, feita em seu dicionário de Bandeirantes e Sertanistas onde cita “O bandeirante Domingos Borges descobre minas de ouro na fralda oriental da Serra do Caraça, em 1702; em 1703 se dá a fundação do povoado com a denominação de Catas Altas do Mato Dentro [...]” (FRANCO, apud SOUZA, 1998, p.14).

Com as crescentes descobertas auríferas, em 1703 o povoado é então elevado a categoria de Arraial.

O primeiro registro de batismo realizado é datado de 1712 conforme pesquisas do Cônego Raimundo Trindade demonstrada em Souza (1998, p.31), numa capela com invocação a Nossa Senhora da Conceição, que foi substituída pela atual Igreja Matriz cujo início da construção data de 1729, decorrente da necessidade de uma igreja que comportasse maior número de fiéis.

Ao longo dos anos, a mineração aurífera crescia e gerava grandes riquezas, fato observado devido a imponência da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, que ostenta rica ornamentação finalizada, e marca também o declínio do período áureo da mineração nas paredes em que suas belas talhas, ornamentos e pinturas permaneceram

³ Existe uma linha de raciocínio sobre o tema no volume I do livro Catas Altas do Mato Dentro, sua história e sua gente, de autoria do padre José Evangelista de Souza, publicado em 1998.

inacabadas, o que ocorreu por volta das primeiras décadas do século XVIII, condição esta que se mantém até os dias de hoje.

Segundo os registros de Richard Burton (1976) as jazidas “Foram muito exploradas antes de 1801, e a mineração está, atualmente, muito além das possibilidades financeiras dos habitantes.” e continua descrevendo a situação econômica já em declínio do local, ao afirmar que “Todos supunham que tivéssemos ido com a intenção de comprar, e revelaram, com a respiração sustida [...] as imensas riquezas escondidas nas magras entranhas da montanha.”

Após o dado declínio o arraial passa por um esvaziamento populacional e um abatimento moral conforme Richard Burton (1976) duramente critica “mostraram-se, porém, tão abatidos como *Meliboeus e Corydon*, e, como suas vidas vazias não merecem muito serem vividas, vivem muito e custam a morrer”.

Cerca de dois anos após a passagem de Richard Burton, segundo a história relatada no site oficial da cidade em 1868 Monsenhor Manuel Mendes Pereira de Vasconcelos chega ao arraial para ser o novo vigário e observa tal esvaziamento e o abatimento moral dos que ali permaneciam. Ele observa também a inexistência de uma cultura de subsistência, de forma que todo o provimento alimentar é feito pelos tropeiros.

Diante destes fatos, Monsenhor Mendes passa a difundir idéias de cultivo de subsistência, e de união entre os que ali permaneceram. Ao encontrar uma muda de videira americana, ele percebe a possibilidade de produção de vinho, que poderia ajudar, inclusive, em suas missas, já que necessitava de tal produto.

Desta maneira, ainda segundo o site oficial do município, ele passa a estudar sobre a produção do vinho, e consegue reerguer o arraial difundindo o plantio de videiras e o conhecimento sobre seu manejo através da publicação de um manuscrito com “as noções úteis ao fabricante de vinho” no ano de 1884.

Num ciclo de cultivo e manejo das videiras, produção e comercialização do vinho, todos ganhavam e ajudavam a fortalecer um mercado interno.

O resultado, além dos citados, foi o reconhecimento de autoridades sobre a qualidade do produto, que se comparava ao Porto e o Xerez.

Posteriormente, surge o vinho de Jabuticaba, fruta muito comum nos quintais da cidade, e que inicialmente era utilizada na produção de licor dado seu toque adocicado.

Segundo lei estadual de 1891, Catas Altas do Mato Dentro passa a ser subordinada ao distrito de Santa Bárbara. Outra lei estadual, esta de 1923 modifica o nome do então distrito reduzindo-o apenas à Catas Altas.

Finalmente, através da lei estadual nº 12.030, de 21/12/1995, o distrito de Catas Altas é emancipado da cidade de Santa Barbara, tornando-se município de Catas Altas.

5.3- Contextualização acerca do nome “Boa Vista”

Ao longo de minha vivência na cidade de Catas Altas, como munícipe que sou há 13 anos, e no decorrer das pesquisas realizadas, o nome “Boa Vista” tornou-se corriqueiro, entretanto evidenciou-se confuso ou ainda menosprezado, sendo muitas vezes rapidamente citado como nos registros históricos de Richard Burton, em “Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho” (1976) ou de Paul Ferrand “O ouro em Minas Gerais” (1998), onde ambos registram sua passagem pela cidade durante o século XIX sem maiores informações sobre a mina, o que me despertou curiosidade em compreender um pouco melhor.

5.3.1- Morro Boa Vista no contexto municipal

Em Catas Altas, entende-se por Boa Vista, um morro recoberto por vegetação de médio e grande porte que se estende na direção sudeste/noroeste, sendo esta última a de maior altitude, chegando a um pico rochoso, o Pico Boa Vista, de cor escura, bastante íngreme, parcialmente recoberto de vegetação de grande porte e que antevê o corpo principal da Serra do Caraça vista da cidade de Catas Altas (Figura 2).

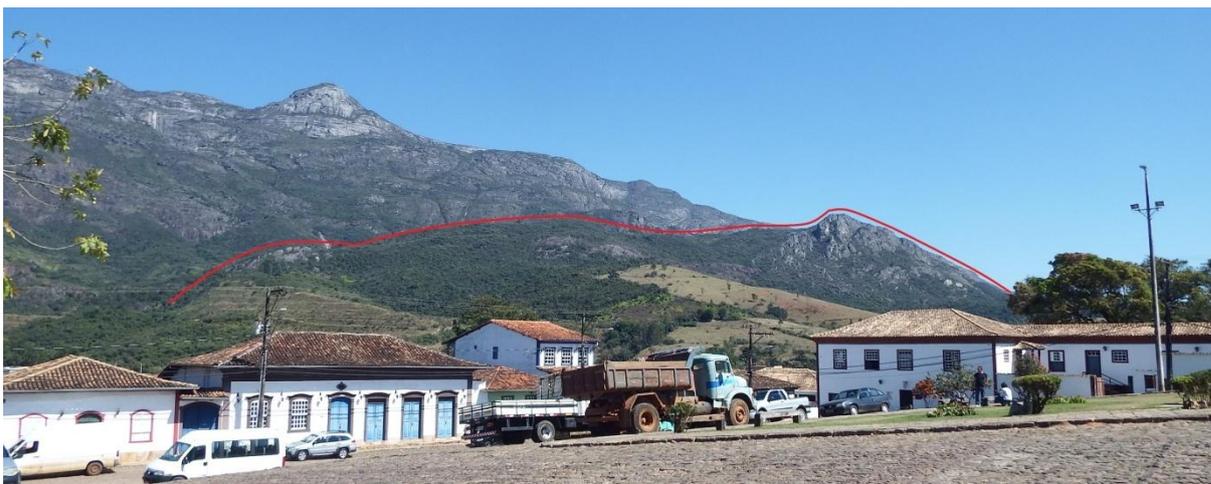


FIGURA 2: Delimitação do Morro Boa Vista
Foto: Italo M. Ribeiro – Agosto/2018

Aos pés deste morro encontra-se a linha férrea, que corta toda a base da serra transportando minério proveniente das minas de ferro localizadas em sua porção Sul.

5.3.2- Mina Boa Vista evidenciada nas pesquisas

Diversas fontes consultadas citam uma determinada jazida aurífera denominada “Mina Boa Vista” ou “Mina da Boa Vista” ou apenas “Boa Vista”. Em algumas destas fontes, o nome é relacionado ao Arraial das Catas Altas, em outras à cidade de Santa Barbara. Ambos estão corretos em seu apontamento, dada a emancipação do arraial ocorrida recentemente em sua cronologia, no ano de 1995, e admitindo-se que tais fontes antecedem à lei estadual que determinou a emancipação e criação do município.

A seguir um breve compilado de trechos bibliográficos de autores que relatam a jazida Boa Vista.

No livro intitulado “Catas Altas, sua história e sua gente” escrito pelo Padre José Evangelista de Souza, Catas-altense, e publicado no ano de 1998, em trecho cita as escritas do inglês Richard Burton, que em viagem pelo interior do Brasil relatou o que pode testemunhar no arraial das Catas Altas do Mato Dentro por volta de 1867, em que diz:

“[...]Notamos três enormes escavações, semelhantes a crateras e dispostas em linha, devidamente flanqueadas por duas Casas Grandes.[...]mais a leste é a Pitanguy[...]. Próxima fica a Boa Vista, a Lavra do Francisco Vieira, irmão do padre, que, ultimamente vem dando algum lucro, e mais adiante fica um velho poço inútil, chamado “O Machado”.”
(Burton, Richard Francis, Cap. XXXI: Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho, p.264. Citado por Souza, J.E, 1988)

Publicado no ano de 2004, o volume II, de mesmo título e autoria, trás em sua introdução o trecho de um conto do Padre Francisco de Paula e Silva, que foi superior do Colégio do Caraça entre 1900 e 1910, que revela mais uma vez a mina Boa Vista do mesmo ponto de observação do Inglês Richard Burton, a praça central do arraial.

“A soberba igreja matriz, que é invejada de muitas cidades[...]. Em frente, alteiam-lhe os picos escavados da Serra do Caraça[...].São como gigantes a guardar as opulentas riquezas auríferas que se lhe ascenderam ao sopé, tais como ‘Maquiné’, ‘Pitanguy’ e ‘Boa Vista’, etc.[...]”
(Pe. Francisco P.S, em “Contos do Caraça” texto “Os irmãos desnaturados”, citado por Souza, J.E, 2004)

A mina Boa Vista também foi rapidamente citada em registro de Paul Ferrand em “O ouro em Minas Gerais” onde lê-se:

“Diante da queda contínua da produção [das minas de Gongo Soco], tentou-se tirar proveito das outras minas compradas [...] ou adquiridas a seguir (Boa Vista, Água Quente etc.)[...]”
(Paul Ferrand, “O ouro em Minas Gerais” tradução Fundação João Pinheiro, 1998, p. 174)

Como contribuição, o mesmo livro, “O ouro em Minas Gerais” traz a “Tabela 1 – Principais jazidas auríferas de Minas Gerais”, como identificada, contendo dados sobre as ditas jazidas. Dentre elas figura uma de nome “Boa Vista” localizada na cidade de Santa Barbara e dada como abandonada.

Há ainda um mapa localizado na página 163 do referido livro que evidencia as mesmas minas da “Tabela 1” e pode-se observar próximo à localização do arraial de Catas Altas uma jazida cujo nome é Boa Vista.

5.3.3–Mina Boa vista segundo os Catas-Altenses

A partir de conversas com cidadãos de maior idade em Catas Altas, dentre os que se lembravam de alguma história relacionada à mina de Boa Vista, ainda que contada por seus antepassados, houve um consenso no direcionamento de onde seria a localização da exploração, que se dava no subsolo da região destacada e que hoje está parcialmente desmoronada (Figura 3).

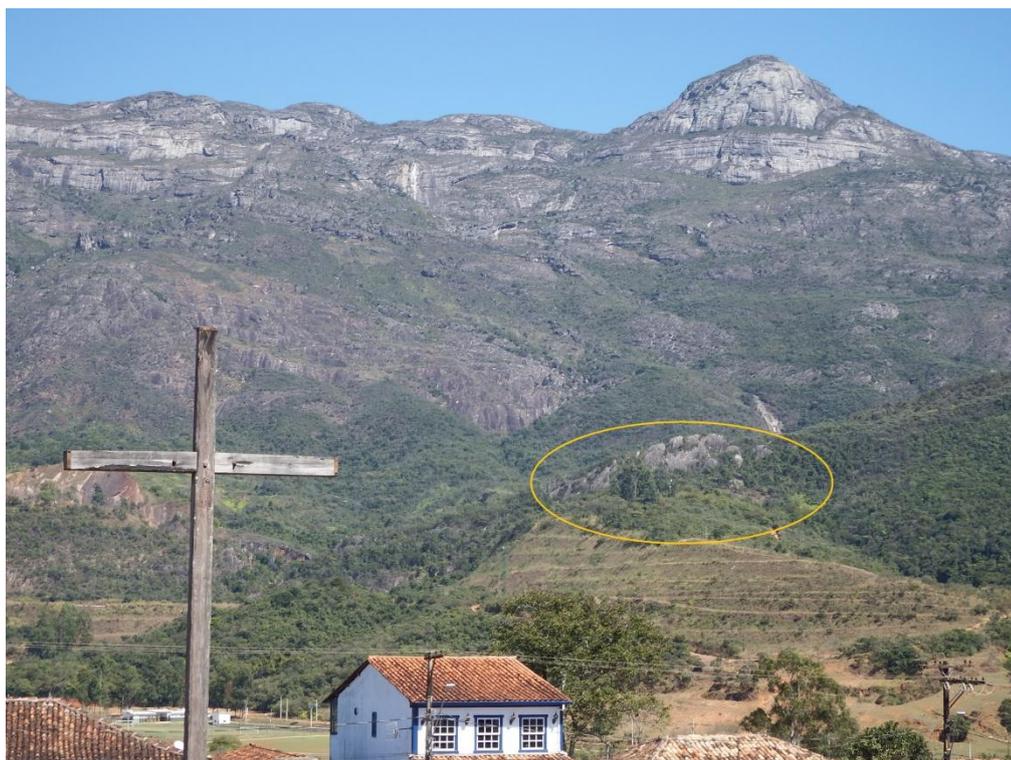


FIGURA 3: Localização indicada da Mina Boa Vista.
Foto: Italo M. Ribeiro – Agosto/2018.

Conforme observaram o inglês Richard Burton e o Padre Francisco (citados acima) a localização da mina é facilmente apontada a partir do adro da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, de onde também é possível ver a mina de Pitangui, o vale onde se localizava a mina de Maquiné, e o espigão do morro Boa Vista em sua porção mais baixa, onde em seu subsolo encontra-se a mina de mesmo nome.

Como relata Richard Burton em seus escritos,

“[...]Notamos três enormes escavações, semelhantes a crateras e dispostas em linha, devidamente flanqueadas por duas Casas Grandes.[...]”

BURTON, Richard. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. São Paulo: Itatiaia; USP, 1976.

Deveriam ali haver duas casas, atualmente observam-se vestígios de construções em pedra tomados por mato, que possivelmente são os registros que ainda permanecem desta casa.

5.3.4 – Conclusões sobre a mina Boa Vista

A partir da triangulação de todas as informações aqui levantadas e trazidas à luz desta pesquisa, acredita-se que a localização da Mina Boa Vista do arraial das Catas Altas do Mato Dentro, citada em bibliografia que remonta o século XVIII, pode ser considerada como real até que surjam contrapontos e novos estudos.

6- CONTEXTUALIZAÇÃO DO SISTEMA MINERÁRIO BOA VISTA

O “Sistema Minerário Boa Vista” compreende estruturas edificadas em pedra e canais hidráulicos, sendo alguns trechos de formação natural e outros provavelmente escavados à mão, utilizados para a obtenção de partículas auríferas.

A partir das pesquisas realizadas, não foi possível a sua datação, devido a ausência de informações sobre a construção. Mas, certamente, ela se deu a partir do ano de 1702 com a descoberta de ouro feita na fralda da Serra do Caraça pelo bandeirante Domingos Borges conforme Menezes, (Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil- pgs.71 e 136 *Apud* Souza, 1998, pg.14).

6.1- Localização

O referido sistema minerário localiza-se na cidade de Catas Altas, no Morro Boa Vista (Figura 4).

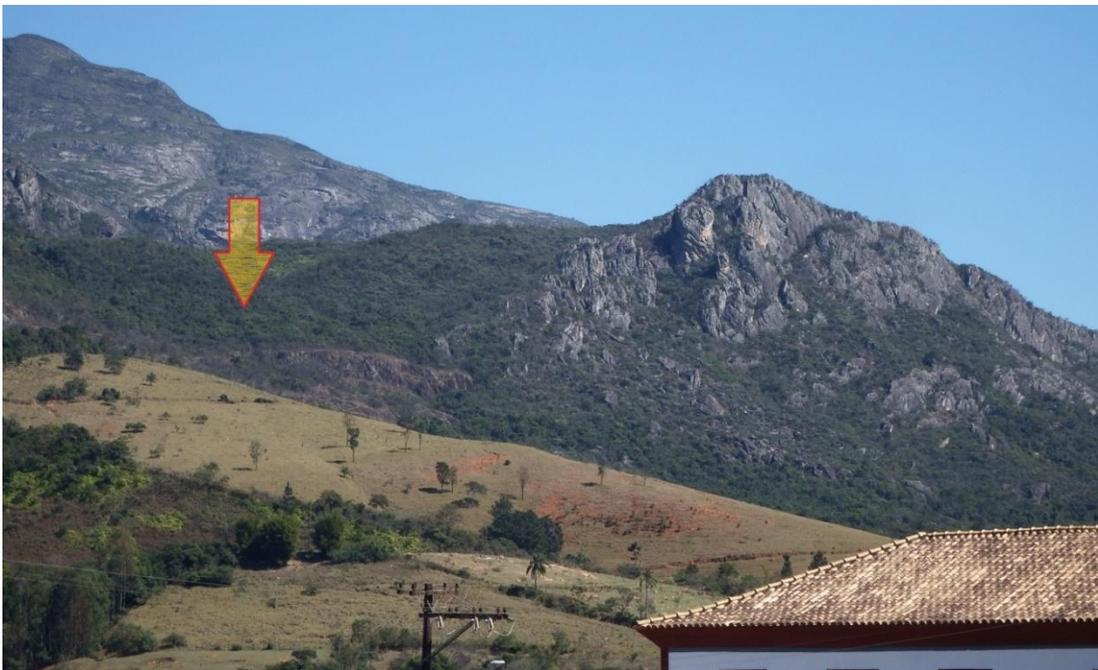


FIGURA 4: Localização aproximada do Sistema Minerário Boa Vista.
Fonte: Italo M. Ribeiro - Agosto/2018

Este se difere da mina Boa Vista, dada a distância entre eles de aproximadamente 800 metros em linha reta (Figura 5).

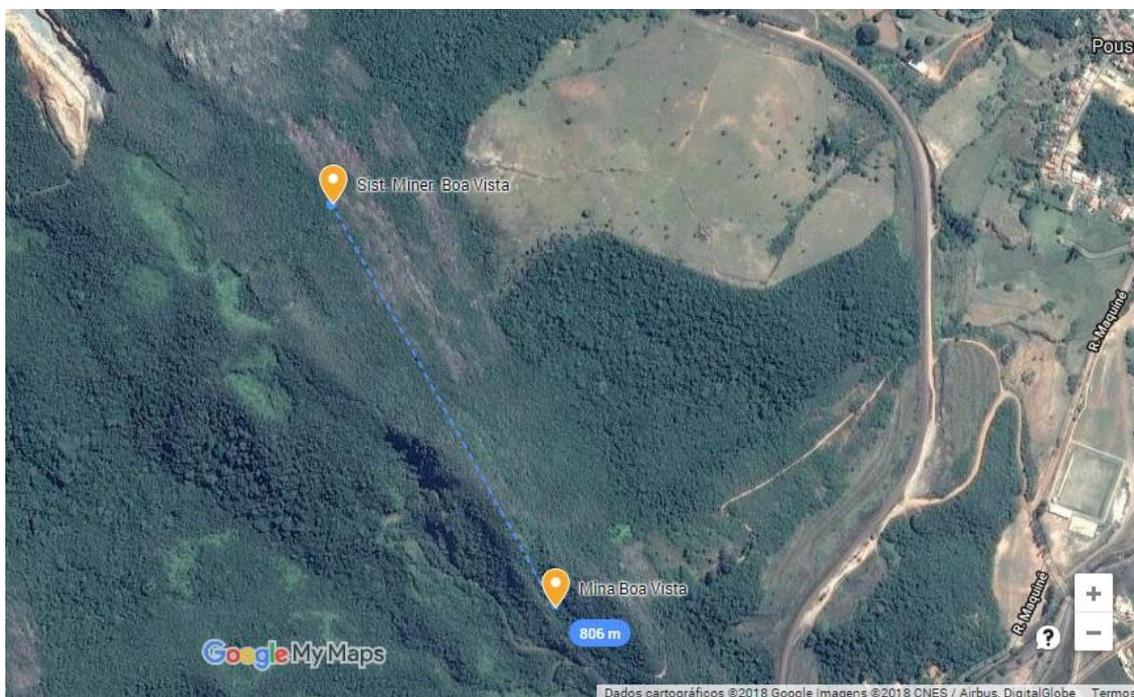


FIGURA 5: Localização e distância aproximada entre o Sistema Minerário Boa Vista e a Mina Boa Vista.
Fonte: www.google.com/mymaps. (Sem escala) Acesso em 15/08/2018

Ocorre também que a mina Boa Vista deriva de escavações no solo (mina subterrânea), enquanto o sistema aqui apresentado representa a exploração de lavras a céu aberto, denominadas “talho a céu aberto”.

As referidas lavras auríferas localizam-se nas seguintes coordenadas geográficas aproximadas, Mina Boa Vista: -20.08168, -43.42299, Sistema Minerário Boa Vista: -20.07547, -43.42662.

6.2- Aspectos geográficos do entorno imediato

6.2.1- Quanto ao relevo

O sistema localiza-se em um morro e está a aproximadamente 937 metros de altitude, em meio a encostas íngremes de terra e afloramentos rochosos.

6.2.2- Quanto à vegetação

O entorno imediato é inteiramente circundado por vegetação densa de médio e grande porte, com exceção daquela encontrada sobre os afloramentos rochosos, sendo observadas espécies como a Candeia (*Eremanthuserythropappus*) sabidamente protegida por lei, e a Pimenta-de-Macaco (*Piper aduncum*), entre outras.

Em geral a vegetação é esguia, de alturas que variam em torno dos 5 aos 15 metros, aproximadamente.

6.2.3- Quanto à insolação

A região possui boa insolação e logo ao nascer do sol já recebe iluminação direta observada sua localização em altitude mais elevada.

Recebe luz direta do sol até por volta das 16 horas quando o sol se põe por trás do pico Boa vista.

Por volta das 17 horas a região se encontra completamente escura abaixo das árvores.

6.2.4- Quanto à ventilação

Dentro do sistema existe pouca ventilação observada sua imersão em meio à densa vegetação, fazendo com que a temperatura suba rapidamente em dias de muito Sol, principalmente durante o verão.

A direção que os ventos tomam pode ser mais bem sentida chegando aos pontos de afloramentos rochosos, de onde se pode observar grande parte da cidade de Catas Altas (Figura.6), e tomam predominantemente a direção leste/oeste.



FIGURA 6: Vista do Sistema Minerário para a cidade.
Foto: Italo M. Ribeiro – Agosto/2018

6.3-Breve explicação sobre os métodos minerários setecentistas com foco no sistema analisado

Diversas eram as técnicas empregadas na extração e beneficiamento do ouro ao longo das explorações minerárias dos séculos passados. As técnicas utilizadas variavam em função da disposição das jazidas encontradas, podendo ser exploradas no subterrâneo e a céu aberto.

Como relata Ferreira (2017), as galerias subterrâneas possibilitavam a retirada de material do seio da serra e exigia conhecimento prático nas escavações e nos escoramentos do teto quando estes se faziam necessários para a segurança da mina e de seus operários, após a retirada o material era submetido à apuração final em bateias.

De acordo com Ferreira,

“A mineração aurífera colonial em Minas Gerais, de forma geral, pode ser dividida em 2 métodos básicos, a mineração “de cascalho” e a mineração “de morro”, cujas definições são: 1) *Mineração de cascalho*: aquela realizada nos depósitos aluvionares, ou seja, no leito dos rios, nos tabuleiros e nas grupiarias (depósitos mais elevados no sopé das encostas). Era a forma mais fácil de exploração, com grande proveito e menores riscos; 2) *Mineração de morro*: aquela onde o ouro era buscado na rocha matriz, nos veios e filões. Realizada por métodos a céu aberto e/ou subterrâneo.

(FERREIRA, 2017, p.67)

Conforme observou em sua passagem por Catas Altas Richard Burton (1868, p. 377) afirma, “Nos leitões mais baixos, correm os veios de quartzo ferruginoso, que costumavam ser rachados com fogo e esmagados, em procura do material precioso.”

Segundo Carrato (1963) a etapa seguinte a esta, a qual ele chama de “fase pioneira” seria mais penosa. Quando o ouro tornava-se escasso iniciavam-se as escavações no terreno sedimentar até se encontrar o cascalho rico de possibilidades.

Com estas catas se tornando escassas com o passar da exploração, os homens então partiam para as catas mais altas.

Conforme registra Carrato (2005, p. 12) Mais espertos [...] os forasteiros europeus, já em 1707, introduzem o “desmonte” hidráulico.

Estas explorações a céu aberto, ou “talho a céu aberto”, como também são conhecidos, podem ocorrer nas encostas de morros e terraços.

Como lembra Guimarães (2005) para esta modalidade de extração se fazia necessária a construção de infra-estrutura como acessos, canais, bicas, desvios, muros de arrimo, barragens de derivação, bicames (estruturas de madeira ou pedras ordenadas no intuito de dar suporte à passagem de material onde a topografia não o favorecia), e exigiam mão de obra humana e em alguns casos o transporte de materiais por animais.

Os materiais empregados nas construções variavam conforme a disponibilidade destes no local e ainda conforme a riqueza de quem realizava o investimento, que poderia ser particular ou feito por grupos de mineiros, que se juntavam no intuito de potencializar os achados.

Estas estruturas, parte delas ou outras semelhantes se faziam necessárias para o carregamento do material proveniente da técnica do desmonte hidráulico, que consistia em provocar o desmonte das encostas onde o ouro era localizado, utilizando ferramentas manuais e/ou jatos d’água provenientes das nascentes do alto dos morros, que poderiam também ser armazenadas em tanques construídos para tal finalidade.

O material então era arrastado por canais hidráulicos, naturais ou escavados, que direcionavam o material para reservatórios.

De acordo com Ferreira (2017, p.68) tais reservatórios construídos com alvenaria de blocos de rocha, denominados mundéus, retinham o material aurífero oriundo do desmonte da encosta.

Devido à densidade elevada das partículas auríferas, estas tendem a se depositar no fundo dos mundéus.

Segundo Guimarães (2005, p.4) a lama era posteriormente escoada, passando por um canal [canao] coberto com couro de boi onde as partículas de ouro ficavam presas no pelo.

As canoas do sistema minerário Boa vista especificamente são estruturas construídas em blocos de rochas e as descrevo da seguinte maneira pequenos canais estreitos e rasos, de fundo aparentemente plano em declive, e que se ligam diretamente aos mundéus através de seu ponto mais elevado.

As canoas são estruturas que possibilitavam o início do processo de apuração do material coletado, e segundo Ferreira (2017) o couro era posto para secar ao sol e então era batido para se extrair o ouro de granulação fina.

Tal extração do ouro deveria ser realizada com o cuidado de se preservar todo o material que posteriormente era submetido às bateias para a apuração final.

Pode-se dizer que a estrutura física das canoas encerra o sistema minerário aqui descrito, estando o processo de apuração manual à parte deste por não necessariamente ter de ser realizado no local.

6.4- Estruturas localizadas

Foram localizados 20 elementos que possuem ligação direta ou indireta com as operações de extração aurífera do Sistema Minerário Boa Vista, conforme a Tabela 1

TABELA 1: Quantitativo de elementos individuais identificados

Elemento	Quantidade
Provável área de desmonte	04
Reservatório d'água circular	01
Canal hidráulico	03
Bica condutora de água/material	01
Ponte sobre canal	01
Tanque de decantação	02
Canoa	02
Tanque de finalidade desconhecida	01
Arrimo no acesso	02
Outros arrimos	03
Total	20

6.4.1- Principais estruturas edificadas do sistema

Um elemento, ou o conjunto de elementos, forma setores que dão suporte a extração aurífera, constituindo o sistema minerário.

As principais estruturas edificadas, e até então localizadas, foram identificadas e representadas a seguir por meio de imagens que seguem a ordem das operações como deviam ocorrer, iniciando pela suposta área de desmonte hidráulico e finalizando no setor de apuração.

- Provável reservatório d'água, em formato circular



FIGURA 7: Provável reservatório d'água circular
Foto: Italo M. Ribeiro – Agosto/2018

- Bica condutora de água/material



Figura 8: Bica condutora de água/material. (comprimento do facão: 50 cm)
Foto: Italo M. Ribeiro – Agosto/2018

- Setor dos tanques de decantação



FIGURA 9: Parede divisória dos tanques e saída de material do tanque principal
Foto: Italo M. Ribeiro – Agosto/2018

- Setor de apuração



FIGURA 10: Setor de apuração. Nas bordas os arrimos, duas canoas e ao centro parede dos tanques.
Foto: Italo M. Ribeiro – Agosto/2018

6.4.2- Estruturas edificadas anexas ao sistema

Anexos ao principal eixo do sistema existem dois elementos também edificados, e que indiretamente estão ligadas a ele: o acesso arrimado, que percorre as encostas e afloramentos rochosos e liga o sistema à cidade em um ponto de melhor topografia, e um pequeno tanque com finalidade desconhecida, localizado próximo ao mundéu, que poderia ser utilizado para uma apuração manual feita com bateia, conforme Fotos 11 e 12 a seguir.

- Caminho arrimado



FIGURA 11: Trecho em curva do acesso arrimado
Foto: Italo M. Ribeiro – Agosto/2018

- Provável tanque de apuração de material



FIGURA 12: Provável tanque de apuração de material
Foto: Italo M. Ribeiro – Agosto/2018

7- REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

Para o estudo de sítios históricos, assim como de todo patrimônio cultural material ou imaterial, recomenda-se que todos os meios disponíveis e possíveis de registros sejam utilizados. No entanto, deve-se atentar para os cuidados no registro e que estes meios sejam os menos invasivos ou degradantes para o bem histórico.

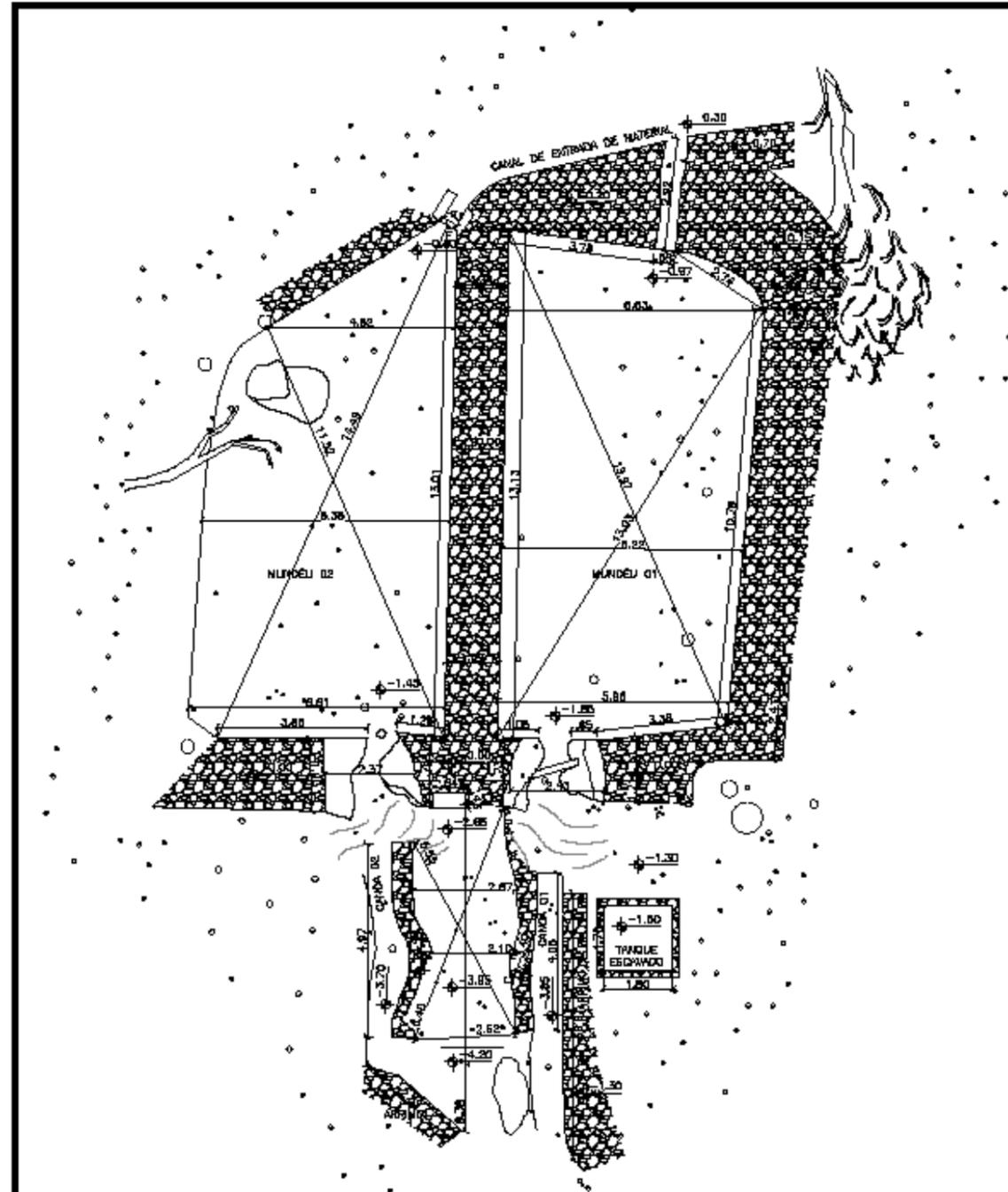
Com os inventos tecnológicos da modernidade e a relativa facilidade de acesso a eles, como às máquinas fotográficas e instrumentos de precisão, o registro dos bens culturais é facilitado, e justifica-se assim o grande apreço a tal material produzido, que em muito pode auxiliar na compreensão sobre os bens, podendo inclusive servir de base para estudos futuros.

7.1- Levantamento arquitetônico

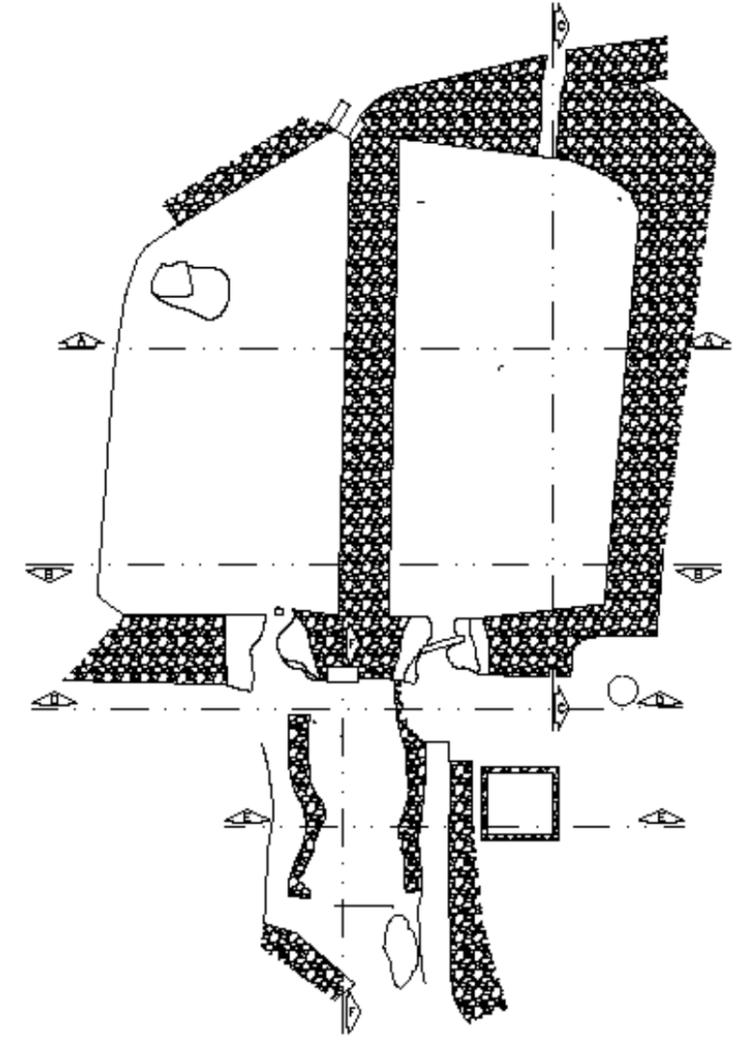
O Sistema Minerário Boa Vista foi representado utilizando como base o levantamento realizado *in loco* durante as visitas feitas, e que posteriormente foi digitalizado utilizando o *software AutoCAD®*.

Demonstra-se aqui a representação aproximada do sistema, observada a limitação de efetuarla utilizando como instrumentos as trena dos tipos: digital; de fita e metálica retrátil, sem instrumentos capazes de apontar os desníveis.

Durante o levantamento foram levados em conta apenas os pontos expostos, ou seja, ao nível do solo, observando-se também a não realização de escavações e prospecções, respeitando as atribuições do Conservador Restaurador.

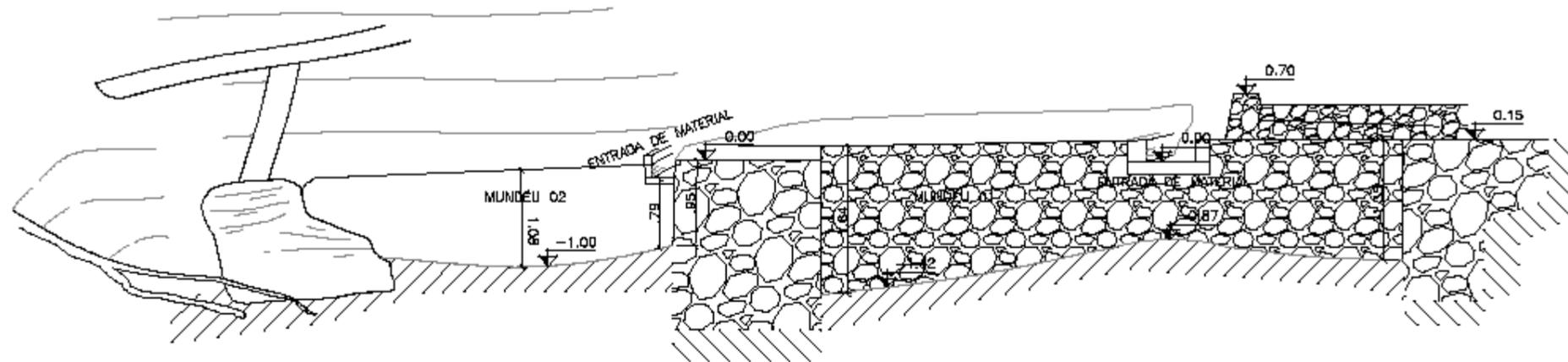


PLANTA BAIXA: MUNDÉUS E CANOAS
esc 1:125

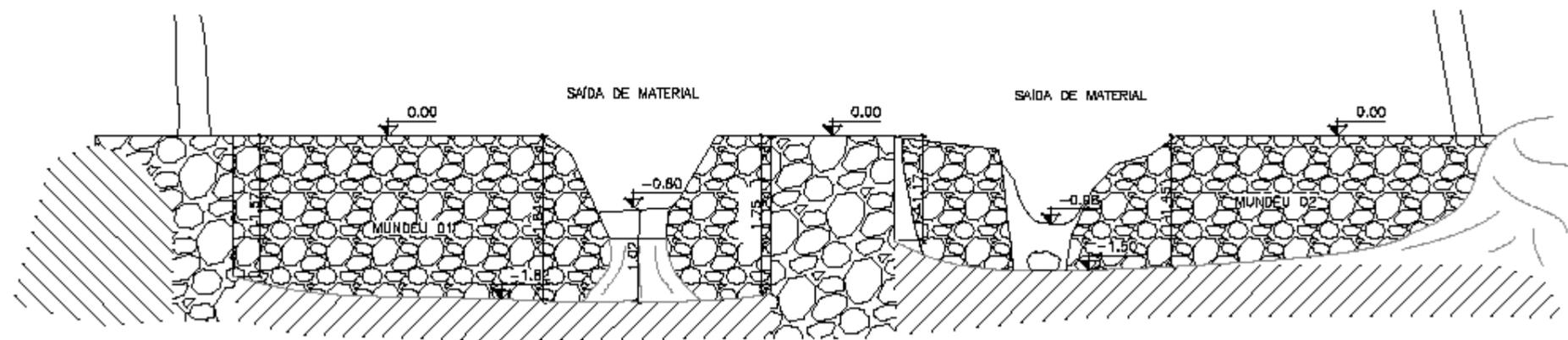


MAPA DE CORTES
esc 1:150

IFMG (INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS) CAMPUS OURO PRETO		
CURSO: CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE BENS IMÓVEIS		
TEMA DA MONOGRAFIA: DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DO SISTEMA MINERÁRIO BOA VISTA EM CATAS ALTAS - MG		
AUTOR: ITALO MENDONÇA RIBEIRO	PROFESSOR/ORIENTADOR: RODRIGO O. M. MENICONI	DATA: AGOSTO/2018
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO: SISTEMA MINERÁRIO BOA VISTA		
DETALHE: PLANTA BAIXA: MUNDÉUS E CANOAS / MAPA DE CORTES	ESCALA: INDICADA	FOLHA: 1/4

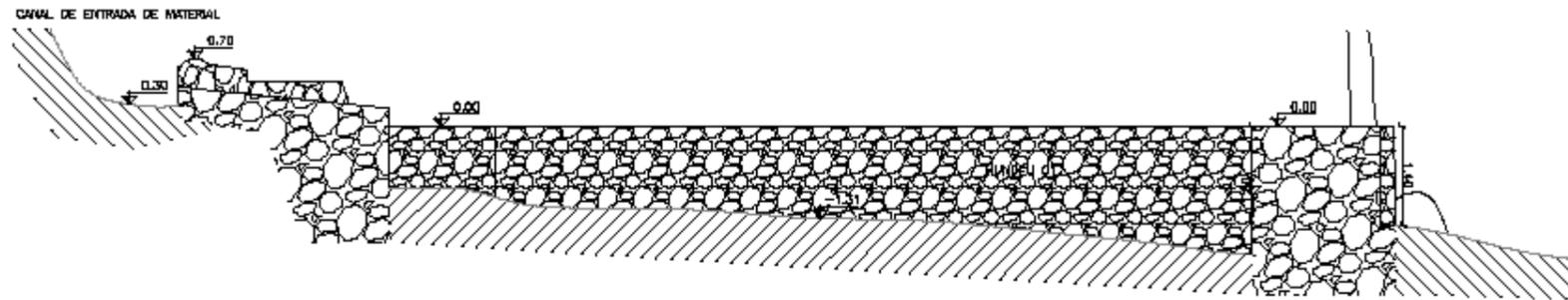


CORTE AA
esc 1:50

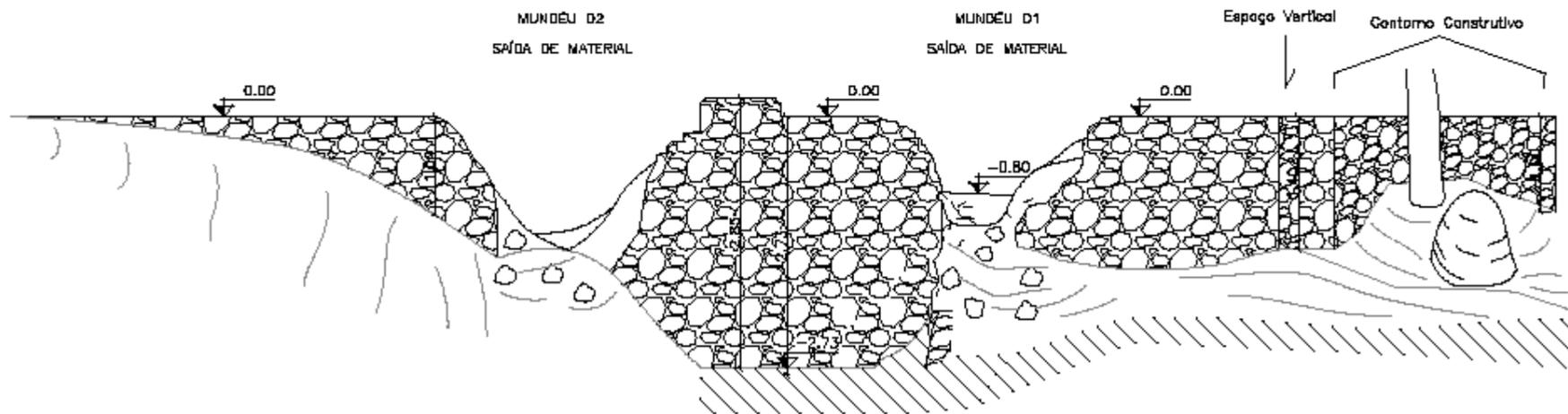


CORTE BB
esc 1:50

IFMG (INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS) CAMPUS OURO PRETO		
CURSO: CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE BENS IMÓVEIS		
TEMA DA MONOGRAFIA: DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DO SISTEMA MINERÁRIO BOA VISTA EM CATAS ALTAS - MG		
AUTOR: ITALO MENDONÇA RIBEIRO	PROFESSOR/ORIENTADOR: RODRIGO O. M. MENICONI	DATA: AGOSTO/2018
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO: SISTEMA MINERÁRIO BOA VISTA		
DETALHE: CORTE AA / CORTE BB	ESCALA: INDICADA	FOLHA: 2/4

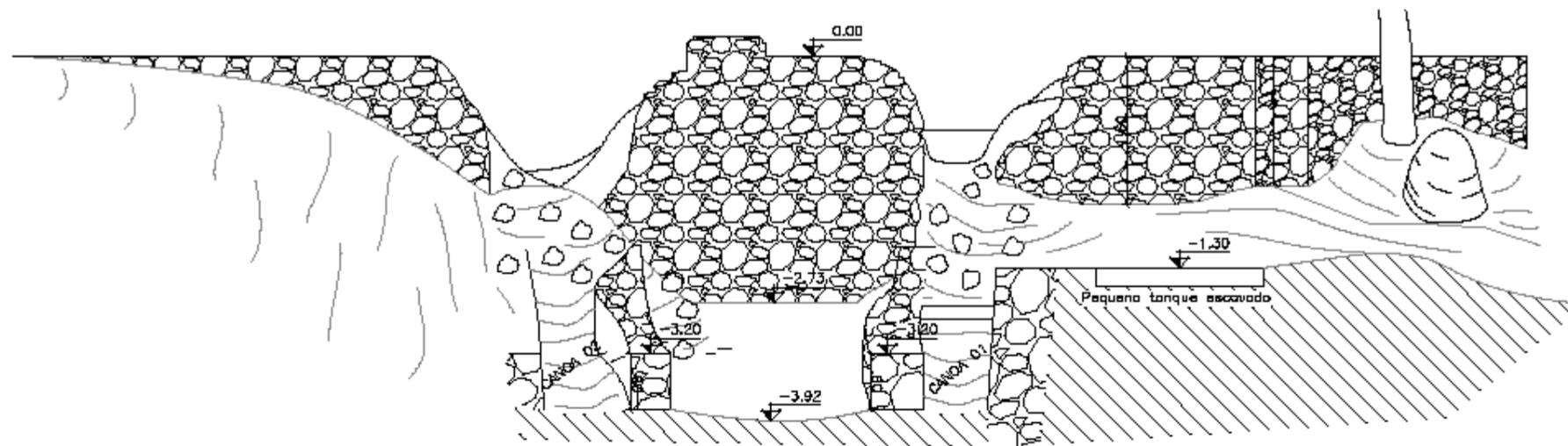


CORTE CC
esc 1:75

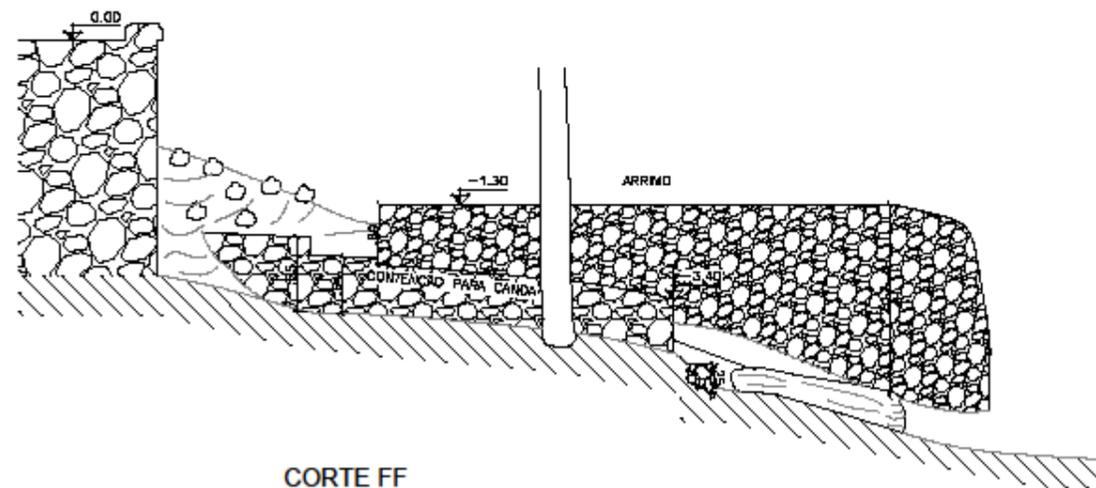


CORTE DD
esc 1:50

IFMG (INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS) CAMPUS OURO PRETO		
CURSO: CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE BENS IMÓVEIS		
TEMA DA MONOGRAFIA: DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DO SISTEMA MINERÁRIO BOA VISTA EM CATAS ALTAS - MG		
AUTOR: ITALO MENDONÇA RIBEIRO	PROFESSOR/ORIENTADOR: RODRIGO O. M. MENICONI	DATA: AGOSTO/2018
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO: SISTEMA MINERÁRIO BOA VISTA		
DETALHE: CORTE CC / CORTE DD	ESCALA: INDICADA	FOLHA: 3/4



CORTE EE
esc 1:50



CORTE FF
esc 1:50

IFMG (INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS) CAMPUS OURO PRETO		
CURSO: CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE BENS IMÓVEIS		
TEMA DA MONOGRAFIA: DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DO SISTEMA MINERÁRIO BOA VISTA EM CATAS ALTAS - MG		
AUTOR: ITALO MENDONÇA RIBEIRO	PROFESSOR/ORIENTADOR: RODRIGO O. M. MENICONI	DATA: AGOSTO/2018
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO: SISTEMA MINERÁRIO BOA VISTA		
DETALHE: CORTE EE / CORTE FF	ESCALA: INDICADA	FOLHA: 4/4

7.2-Registro fotográfico

A seguir, o Sistema Minerário Boa Vista será apresentado a partir de fotografias feitas por meio de máquina fotográfica semiprofissional, durante as várias visitas exploratórias.

As fichas foram desenvolvidas para evidenciar o trecho principal estudado, além de apresentar o sistema construtivo, os danos e patologias, o solo ou a vegetação.

Procurou-se demonstrar através de fichas intituladas “Ficha Fotográfica”, cada um dos cinco setores (acesso arrimado, possíveis áreas de desmonte hidráulico evidenciadas e o reservatório de água, canais hidráulicos, tanques de decantação e apuração), resultando num total de 14 fichas, cujo objetivo é o de demonstrar de alguns dos elementos encontrados.

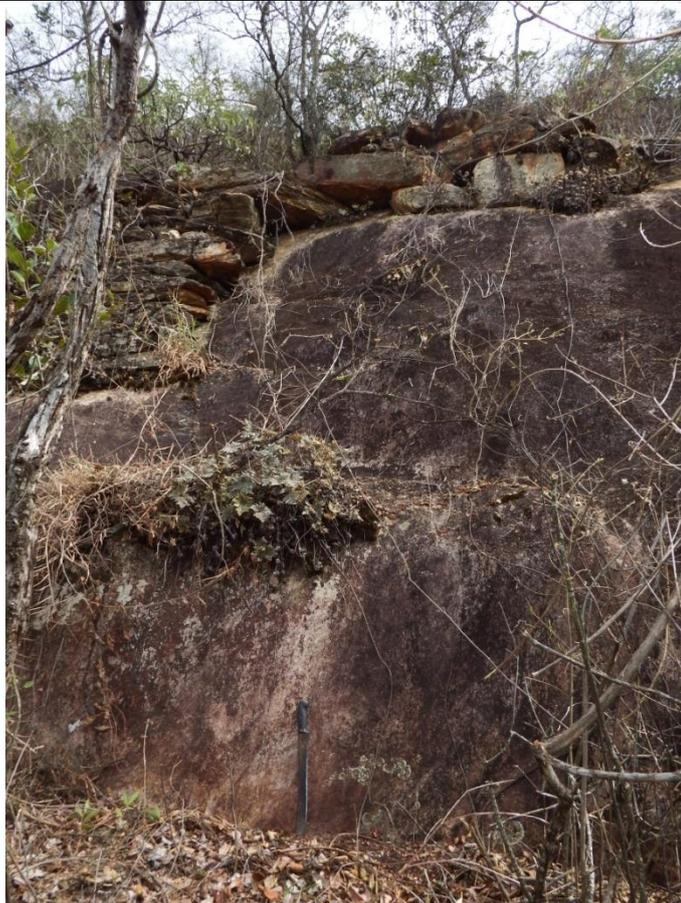
Algumas patologias e danos que tendem a se repetir por toda a estrutura, foram registradas em maior detalhe, estão apresentadas nas fichas intituladas “Ficha de Dano/Patologia” totalizando 8 fichas e objetivam um registro simplificado de patologias nas estruturas do Sistema Minerário Boa Vista.

FICHA FOTOGRÁFICA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Identificação de estruturas

Setor:
Acesso arrimado



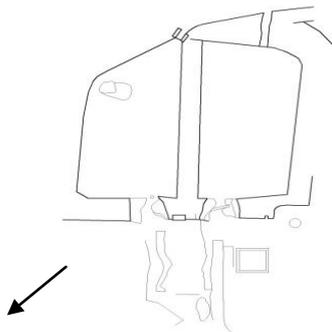
Descrição:

Elemento do sistema: Arrimo

Pedras sobrepostas e argamassadas com terra e pedregulhos.

O arrimo é apoiado sobre afloramento rochoso criando sobre ele um trecho do acesso para o sistema minerário.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo:DSCF9450
Data:16/08/2018

Ficha:

1/14

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA FOTOGRÁFICA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Identificação de estruturas

Setor:
Acesso arrimado



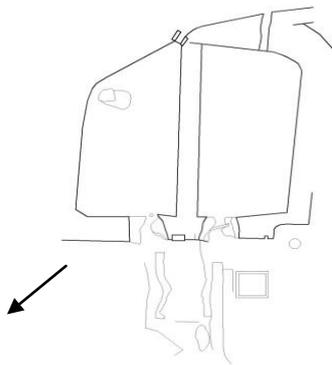
Descrição:

Elemento do sistema: Arrimo

Pedras sobrepostas e argamassadas com terra e pedregulhos, alguns trechos são de junta seca.

O arrimo foi alteado a partir do solo, de modo que seu topo fique em mesmo nível do afloramento rochoso, criando sobre o arrimo trecho do acesso para o sistema minerário.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo:DSCF9469
Data:16/08/2018

Ficha:

2/14

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA FOTOGRÁFICA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Identificação de estruturas

Setor:
Possível área de desmonte

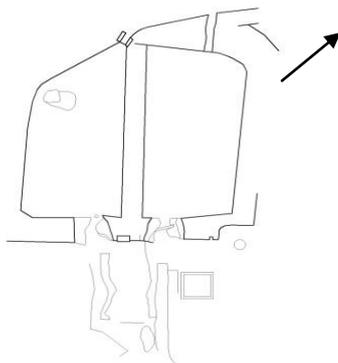


Descrição:

Elemento do sistema: Reservatório de água

Reservatório de água circular próximo às áreas de desmontes, edificado em tijolos cerâmicos queimados e argamassados com terra.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo: DSCF9355
Data: 16/08/2018

Ficha:

3/14

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA FOTOGRÁFICA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Identificação de estruturas

Setor:
Possível área de desmonte



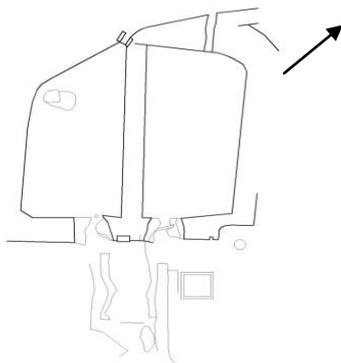
Descrição:

Elemento do sistema: Reservatório de água

Reservatório de água circular próximo às áreas de desmontes, edificado em tijolos cerâmicos queimados e argamassados com terra.

Detalhe da amarração vertical e topo inclinado para o centro.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo: DSCF9361
Data: 16/08/2018

Ficha:

4/14

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA FOTOGRÁFICA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Identificação de estruturas

Setor:
Canais hidráulicos

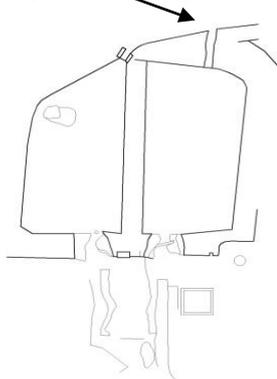


Descrição:

Elemento do sistema: Direcionamento de material

Canal hidráulico de entrada de material, à direita mundéu 01, abaixo seguimento para o mundéu 02. Contenção de pedras para a estruturação e direcionamento do canal.
Possível escavação feita à mão.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo:DSCF9310
Data:16/08/2018

Ficha:

5/14

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA FOTOGRÁFICA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Identificação de estruturas

Setor:
Canais hidráulicos

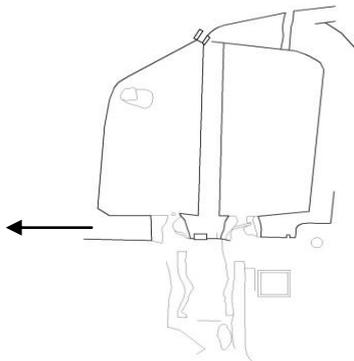


Descrição:

Elemento do sistema: Ponte

Ponte sobre canal natural, executada em única chapa de pedra de aproximadamente 1,8 metros de comprimento por 0,60 centímetros de largura e espessura de 0,20 centímetros. Apoia-se sobre as bordas do canal e sobre o arrimo também construído para este fim.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo:DSCF9413
Data:16/08/2018

Ficha:

6/14

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA FOTOGRÁFICA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Identificação de estruturas

Setor:
Tanques de decantação



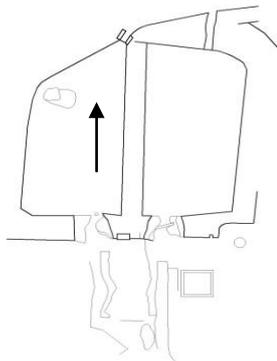
Descrição:

Elemento do sistema: Mundéu 02

Vista interna do mundéu 02, à direita parede divisória dos mundéus e ao fim desta encontra-se a entrada de material.

Observa-se grande presença de árvores e matéria orgânica em decomposição.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo: DSCF9243
Data: 16/08/2018

Ficha:

7/14

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA FOTOGRÁFICA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Identificação de estruturas

Sector:
Tanques de decantação



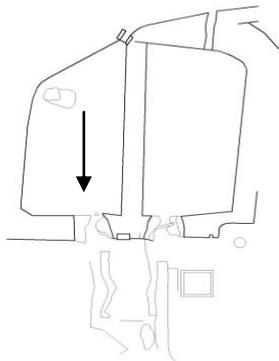
Descrição:

Elemento do sistema: Mundéu 02

Vista interna do mundéu 02. Ao centro observa-se saída de material parcialmente desmoronada.

Observa-se grande presença de árvores e matéria orgânica em decomposição.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo: DSCF9244
Data: 16/08/2018

Ficha:

8/14

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA FOTOGRÁFICA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Identificação de estruturas

Setor:
Tanques de decantação

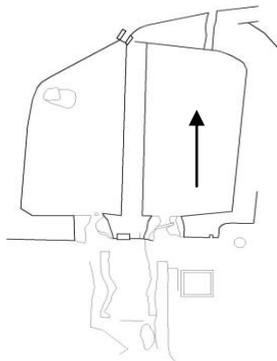


Descrição:

Elemento do sistema: Mundéu 01

Vista interna do mundéu 01. Ao centro encontra-se a entrada de material.
Observa-se grande presença de árvores e matéria orgânica em decomposição.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo:DSCF9245
Data:16/08/2018

Ficha:

9/14

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA FOTOGRÁFICA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Identificação de estruturas

Setor:
Tanques de decantação



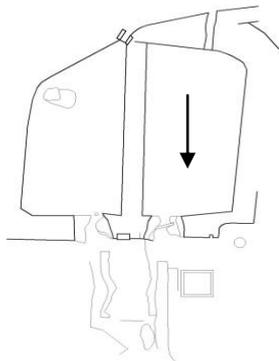
Descrição:

Elemento do sistema: Mundéu 01

Vista interna do mundéu 01. À direita encontra-se a saída de material, parcialmente desmoronada.

Observa-se grande presença de matéria orgânica em decomposição.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo:DSCF9248
Data:16/08/2018

Ficha:

10/14

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA FOTOGRÁFICA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Identificação de estruturas

Setor:
Tanques de decantação



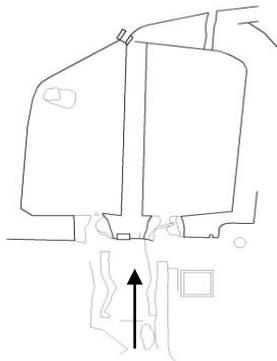
Descrição:

Elemento do sistema: Mundéu 01/02

A esquerda saída de material do mundéu 02, ao centro parede divisória entre os mundéus, a direita saída de material do mundéu 01 e trecho de parede.

Observa-se presença de árvores de troncos esguios.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo: DSCF9249

Data: 16/08/2018

Ficha:

11/14

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA FOTOGRÁFICA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Identificação de estruturas

Setor:
Apuração

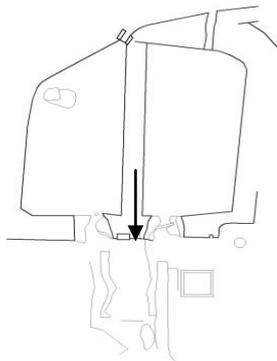


Descrição:

Elemento do sistema: Canoa 01/02

Vista do topo da parede divisória dos mundéus para o setor de apuração.
Da esquerda para direita: pequeno tanque escavado, arrimo, canoa 01, canoa 02.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo: DSCF9253
Data: 16/08/2018

Ficha:

12/14

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA FOTOGRÁFICA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Identificação de estruturas

Setor:
Apuração

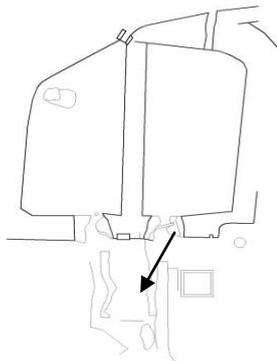


Descrição:

Elemento do sistema: Canoa 02 / Arrimo

Vista lateral da canoa 02 e arrimo próximo ao seu término.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo: DSCF9251
Data: 16/08/2018

Ficha:

13/14

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA FOTOGRÁFICA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Identificação de estruturas

Setor:
Apuração

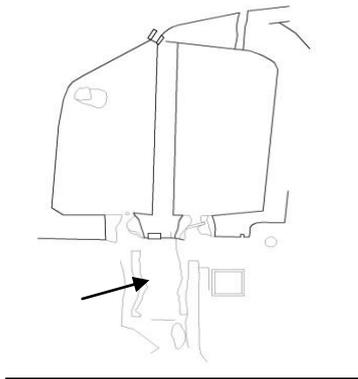


Descrição:

Elemento do sistema: Canoa 01 / Arrimo

Vista lateral da canoa 01. Soterramento de trecho por material proveniente de desmoronamento parcial da estrutura do mundéu 01.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo: DSCF9257
Data: 16/08/2018

Ficha:

14/14

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA DE DANOS/PATOLOGIA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Registro patológico

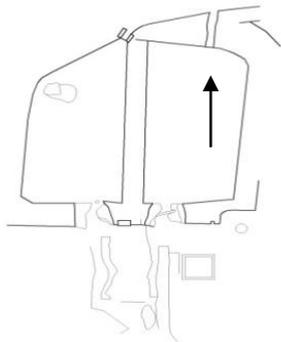
Setor:
Tanques de decantação



Descrição:

Presença de vegetação de pequeno porte, musgos e *liquens* na estrutura edificada.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo: DSCF9246

Data: 16/08/2018

Ficha relacionada: 9/14

Ficha:

1/8

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA DE DANOS/PATOLOGIA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Registro patológico

Setor:
Tanques de decantação

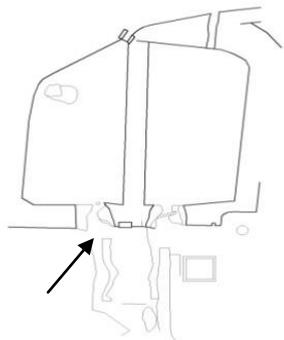


Descrição:

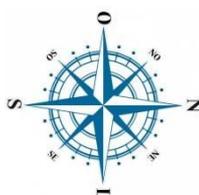
Detalhe da estrutura parcialmente desmoronada da parede onde se localiza a saída de material do mundéu 02.

Presença de cipós, vegetação, e musgos.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo:DSCF9262

Data: 16/08/2018

Ficha relacionada: 11/14

Ficha:

2/8

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA DE DANOS/PATOLOGIA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Registro patológico

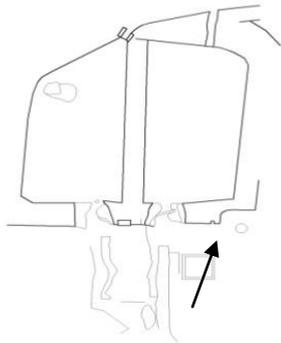
Setor:
Tanques de decantação



Descrição:

Detalhe do espaço vertical (à esquerda), árvore e cupim que aparentemente foram contornados durante a construção da parede.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo:DSCF9267

Data: 16/08/2018

Ficha relacionada:11/14

Ficha:

3/8

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA DE DANOS/PATOLOGIA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Registro patológico

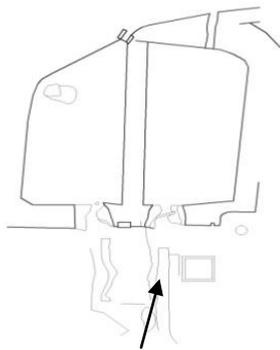
Setor:
Tanques de decantação



Descrição:

Detalhe da estrutura parcialmente desmoronada da parede onde se localiza a saída de material do mundéu 01, soterrando parcialmente a canoa 01.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo:DSCF9275

Data: 16/08/2018

Ficha relacionada:11/14

Ficha:

4/8

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA DE DANOS/PATOLOGIA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Registro patológico

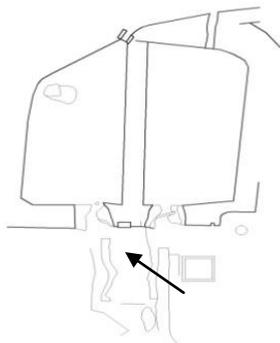
Setor:
Apuração



Descrição:

Detalhe da estrutura parcialmente desmoronada da parede onde se localiza a saída de material do mundéu 02, soterrando parcialmente a canoa 02.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo: DSCF9295

Data: 16/08/2018

Ficha relacionada: 11/14

Ficha:

5/8

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA DE DANOS/PATOLOGIA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Registro patológico

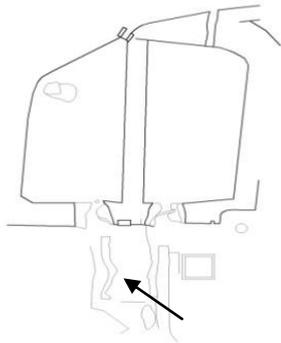
Setor:
Apuração



Descrição:

Detalhe da estrutura parcialmente desmoronada da canoa 02 e presença de cipós.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo:DSCF9292

Data: 16/08/2018

Ficha relacionada: 13/14

Ficha:

6/8

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA DE DANOS/PATOLOGIA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

Etapa:
Registro patológico

Setor:
Apuração

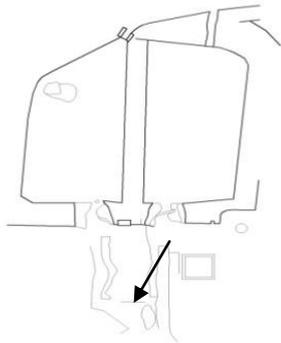


Descrição:

Possível dano estrutural no arrimo próximo ao fim da canoa 02, aparentemente existe uma rachadura na porção esquerda da estrutura, e próximo ao solo há um buraco possivelmente deixado por alguma pedra que se soltou.

Observa-se grande presença de musgos e cipós.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo:DSCF9284

Data: 16/08/2018

Ficha relacionada: 13/14

Ficha:

7/8

Autoria: Italo M. Ribeiro

FICHA DE DANOS/PATOLOGIA

Sistema Minerário Boa Vista – Catas Altas - MG

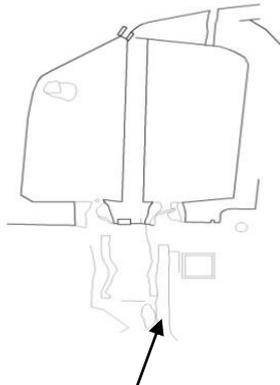
Etapa:
Registro patológico

Setor:
Apuração



Descrição:
Detalhe de musgos e *liquens* no arrimo da canoa 01.

Localização em relação ao sistema:



Orientação:



Arquivo: DSCF9277

Data: 16/08/2018

Ficha relacionada: 14/14

Ficha:

8/8

Autoria: Italo M. Ribeiro

8- LAUDO TÉCNICO: ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Este laudo tem por objetivo principal atestar o estado de conservação em que o sistema minerário estudado se encontra, servindo como registro, parâmetro de comparação e base em caso de futuros estudos sobre o sítio cultural histórico.

8.1- Laudo técnico sobre o estado de conservação

O Sistema Minerário Boa Vista, localizado na cidade de Catas Altas – MG, mais precisamente no Morro Boa Vista, será aqui segmentado em cinco setores, sendo eles: todo o caminho arrimado usado para acesso ao local, as prováveis áreas de desmonte hidráulico e o reservatório de água, todo o sistema de canais hidráulicos, toda estrutura dos mundéus, e todo o sistema de apuração.

- 1º Setor – Caminho arrimado

Este setor se encontra parcialmente exposto e descoberto de vegetação. Nos trechos cobertos observam-se, em grande parte, apenas gramíneas e árvores de pequeno e médio porte, com troncos não ultrapassando os 4 cm de diâmetro.

Os trechos arrimados, até então evidenciados ao longo dos 160 metros de extensão aproximados já descobertos, foram construídos em blocos de pedra e argamassados com terra e cascalho, garantindo sua estabilidade, mesmo nos trechos em que foram construídos quase verticalmente, apoiados em grandes blocos de pedra.

Em alguns pequenos trechos, onde a argamassa aparentemente não foi utilizada, provavelmente por serem trechos onde não haveria trânsito de pedestres e muare sobre elas, observa-se certo desalinhamento.

- 2º Setor – Prováveis áreas de desmonte hidráulico e o reservatório de água
Pode-se dizer que estão tomados por vegetação de todos os portes.

Observam-se cortes verticais nos morros, evidenciando possivelmente o horizonte C e seu solo pouco denso com fragmentos da rocha matriz.

Próximo aos desmontes encontra-se o tanque circular cujo sistema construtivo adotado foi a alvenaria de tijolos cerâmicos, e possui diâmetro aproximado de 2,5 metros.

Possivelmente, o topo da estrutura deveria ser uma cúpula haja visto que dentro de todo o círculo, e inclusive em seu centro, existem tijolos pelo chão como se o topo houvesse entrado em colapso.

Sua altura é de aproximadamente 1 metro e o topo de toda a alvenaria é levemente inclinada para o centro.

- 3º Setor – Canais hidráulicos

O sistema de canais hidráulicos está parcialmente tomado por capins nos trechos escavados.

Os trechos aparentemente naturais permanecem descobertos, a não ser pela grande quantidade de matéria seca originada de galhadas de árvores em decomposição, onde é possível observar pontos cobertos por capim.

A bica condutora de água/material e seu arrimo ao longo do canal permanecem coesos apesar das pedras soltas no solo.

Os arrimos presentes nos canais hidráulicos estão parcialmente desmoronados.

- 4º Setor – Mundéus

A estrutura dos mundéus, formada por paredes e arrimos, que tem finalidade de fechamento dos mesmos, se encontra em bom estado de conservação nos trechos longilíneos e em médio estado nas saídas de material, que sofreram desmoronamento parcial da camada mais externa. Neste trecho ainda é possível observar que partes da estrutura estão deslocadas e sofreram processo de rotação, gerando grandes trincas ao longo da parede. Contudo parecem estar estabilizadas.

Quanto à vegetação, observa-se o crescimento de pequenos arbustos e gramíneas na parte ocupada por terra, e nas pedras aparecem *liquens* e musgos. Dentro dos tanques há uma quantidade significativa de árvores, maior parte de médio porte e esguias. Algumas, próximas às saídas de material, possuem maior porte e troncos de diâmetro proporcionalmente maior.

No topo da parede central existem pequenas árvores que nasceram em meio ao material orgânico em decomposição, e também uma estaca colocada em um buraco redondo possivelmente relacionado ao funcionamento do sistema.

Há no solo dos mundéus, bastante material em decomposição, inclusive duas grandes árvores, uma em cada tanque.

Observam-se pequenos formigueiros nos quatro vértices internos do tanque. Externamente, no vértice direito existe um cupinzeiro e uma árvore, que parecem ter sido contornados pela construção.

Ao lado deste contorno construtivo, na face externa da parede, existe um espaço vertical que vai do chão ao topo, de dimensões aproximadas 1,40x0,20x0,20 metros.

Possivelmente, ali havia alguma estaca de madeira com a função de escoramento, ou de algum dispositivo correlacionado ao pequeno poço, escavado e quadrado, de profundidade rasa e com material terroso no interior, que está próximo ao espaço vertical relatado. Sobre suas funções não houve maior especulação.

De modo geral observa-se um ambiente estável, mas certamente sofrerá de maiores danos ao longo do tempo.

- 5º Setor – Sistema de apuração

Quanto a este, as canoas se encontram soterradas no trecho em que se ligam aos tanques, com pedras e bastante terra, produto dos desmoronamentos parciais dos mundéus, em suas paredes de saída de material.

As paredes, de pouca altura, mas compridas, sofrem de desalinhamentos provenientes de desmoronamentos parciais.

Possuem material sedimentado em boa parte da extensão do canal em declive. Ambas se mantêm íntegras a ponto de ser possível fazer boa leitura do contexto.

Assim como no setor dos tanques, existe presença vegetal, representada por arbustos esguios e espaçados, musgos e *liquens*. Ao menos três árvores de médio/grande porte estão presentes na região das canoas.

Os arrimos ali observados estão íntegros, mas o arrimo próximo ao fim da canoa do tanque secundário apresenta possível rachadura, aparentemente estabilizada, e ambos possuem musgos e *liquens* em sua superfície.

Diante desta contextualização dos setores, conclui-se que o estado geral de conservação do Sistema Minerário Boa Vista é muito bom.

Ao fim de suas atividades, em época incerta, não parece ter sofrido de desmonte para reuso em outro local, sendo completamente abandonado ao tempo na forma em que se encontrava.

As patologias e danos averiguados *in loco*, observado a inserção do bem em meio natural, e não havendo interação do homem sobre este, nada mais são do que um produto do tempo e do meio sobre o bem. Diante da presença do tempo, e apenas dele, houve uma apropriação do meio sobre o bem ocasionando patologias típicas do material e do ambiente em que se encontra.

As mesmas raízes que podem abalar suas estruturas e suas paredes podem também as cercar, e estabilizá-las parcialmente diante de eventuais movimentações do solo na região do Morro Boa Vista. Em algum momento, entre seu abandono e a presente descoberta, eventuais movimentações no solo podem ter contribuído para os desmoronamentos parciais observados.

Infelizmente, todo o volume d'água outrora necessário para a extração mineral não pode ser observado, nem mesmo em seus fluxos aparentemente naturais, ao menos durante o outono e o inverno, estações tipicamente secas.

9- DESCRIÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PERÍMETRO DE TOMBAMENTO

Recomenda-se que o tombamento do bem ocorra de forma que sua totalidade seja abarcada, incluindo todos os cinco setores descritos.

Para os setores que incluem o caminho arrimado e os canais, pelo fato de serem irregulares em seu formato e longilíneos, propõe-se que haja um afastamento de 2 metros em todas as direções a contar das laterais de cada elemento admitindo-se a inserção de linhas imaginárias e contínuas aos elementos.

Para o reservatório de água, no setor de desmonte hidráulico, propõe-se um círculo imaginário com centro comum ao tanque, e raio de 4 metros.

Para a delimitação das estruturas dos setores que incluem os mundéus e o sistema de apuração, é proposto que haja um retângulo imaginário de dimensões 35x23 metros (figura-13).

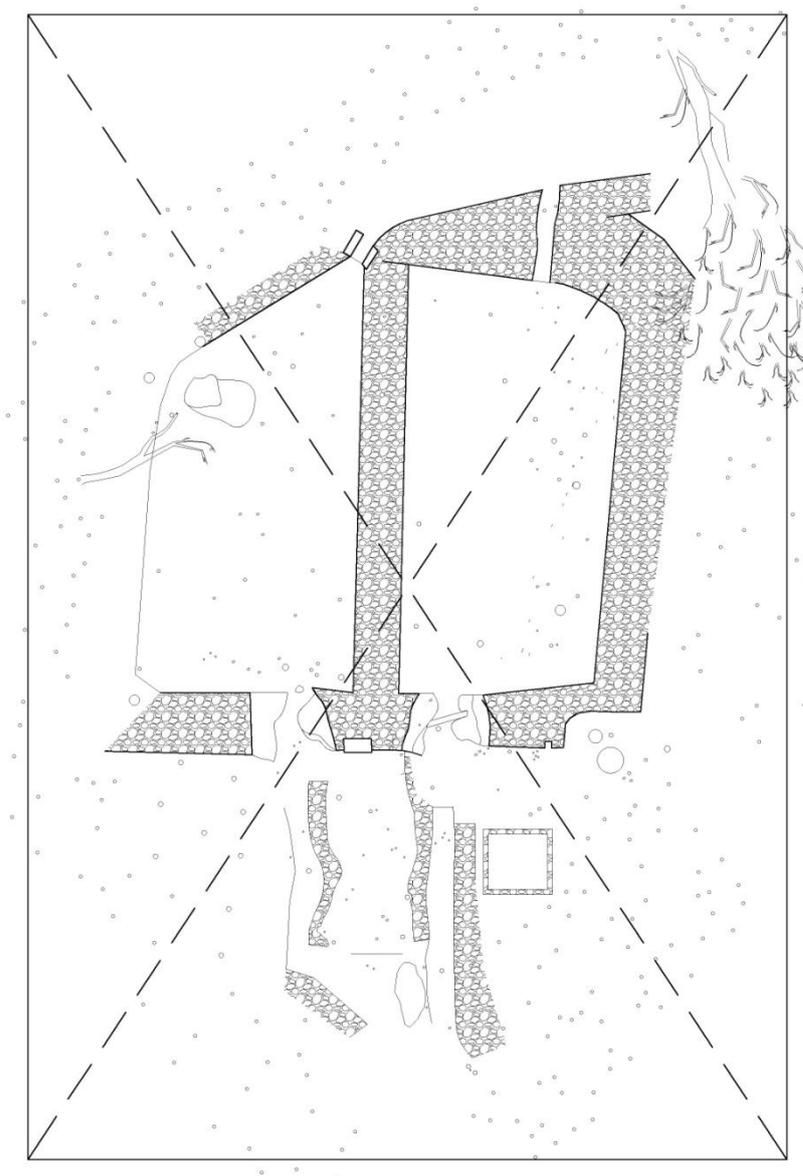


FIGURA 13: Retângulo imaginário delimitador da área de tombamento (sem escala).
Fonte: Levantamento arquitetônico – Autor: Italo M. Ribeiro - 2018

9.1- Justificativa sobre a delimitação de tombamento

A delimitação proposta visa inserir todos os elementos ligados direta ou indiretamente às atividades ali ocorridas, observando sua fragilidade em caso de intervenções próximas, e entendendo-as como parte de um processo maior que carece da devida proteção legal.

10- DESCRIÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PERÍMETRO DE ENTORNO AO TOMBAMENTO

Recomenda-se que o perímetro de entorno do tombamento seja correspondente a de uma circunferência imaginária de raio equivalente a 100 metros (figura-14), com origem no centro do retângulo imaginário proposto como área de tombamento.

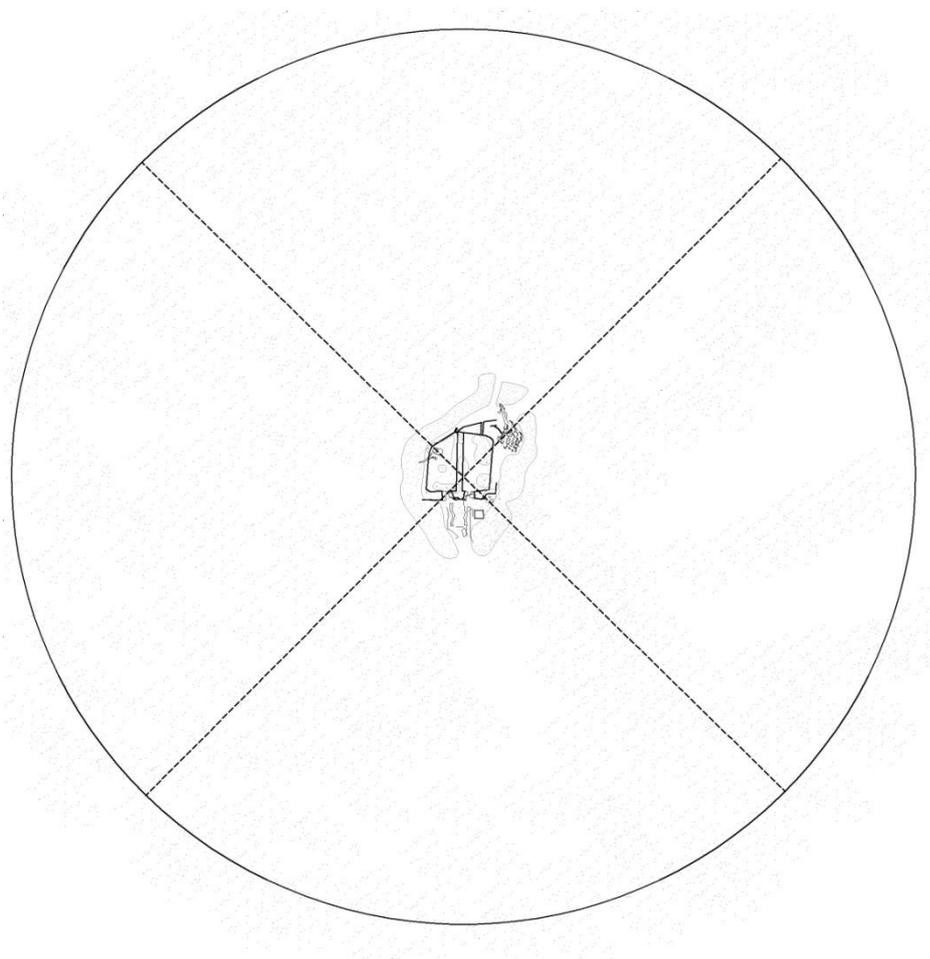


Figura 14: Circunferência imaginária delimitadora da área de entorno de tombamento (sem escala).
Fonte: Levantamento arquitetônico – Autor: Italo M. Ribeiro - 2018

A recomendação que se faz sobre o setor do caminho arrimado, é que se estenda o afastamento proposto como área de tombamento para 50 metros em todas as direções a contar do centro de cada elemento.

10.1- Justificativa sobre a delimitação do perímetro de entorno ao tombamento

A delimitação proposta visa inserir as massas arbóreas, afloramentos rochosos e cursos d'água existentes no entorno do sistema minerário.

Por estar inserido em meio à mata e este ser um ambiente consolidado, é fundamental que não haja intervenções nesta área, o que poderia levar a profunda descaracterização do meio.

11- DIRETRIZES DE PRESERVAÇÃO

As diretrizes de preservação aqui propostas visam manter o bom estado em que o Sistema Minerário Boa Vista se encontra, e levaram-se em conta o potencial de estudos acadêmicos e o potencial turístico que o bem proporciona, sendo elas:

- Elaboração de um plano de preservação específico;
- Manutenção periódica no acesso arrimado feita através da remoção manual de vegetação de pequeno porte e capim;
- Remoção periódica de material vegetal seco depositado dentro e no entorno de todo o sistema minerário;
- Instalação de placas indicativas no caminho arrimado;
- Instalação de placa para contextualização do bem com representação de seu funcionamento feito através de ilustrações;
- Promoção de trilha fixa para pedestres, evitando que os elementos sejam degradados por caminhadas indevidas sobre as estruturas;
- Promoção de estudo de impacto de vizinhança por parte da mineradora atuante no Morro Boa Vista.
- Promoção de estudos Arqueológicos por profissionais habilitados.

Para outras possíveis diretrizes, como a remoção de musgos e *liquens*, e a remoção do material depositado dentro e sobre as estruturas, por exemplo, se fazem necessários maiores estudos feitos por profissionais habilitados para tal.

12- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer história descrita é sempre um produto de eventos ocorridos, de fatos registrados e de momentos vivenciados, todos estes registrados por diversos meios, e a história do município de Catas Altas não é diferente.

Este dossiê tratou apenas de um dos diversos bens culturais históricos do município, que muito têm a relatar sobre a história dos primeiros colonizadores que por aqui passaram.

Para o meio acadêmico e jurídico, pesquisas de cunho histórico e de proteção de bens culturais são importantes fontes de conhecimento e início de proteção dos mesmos. Estas sempre podem ser mais bem analisadas, refeitas, complementadas e aprofundadas posteriormente apurando-as em suas hipóteses.

Diante da importância histórica inquestionável do bem retratado, recomenda-se que o mesmo seja amplamente discutido pelos agentes responsáveis, e, como meio legal de proteção, o Tombamento seria um instrumento que poderia dar início real a preservação do bem, condicionado a ações posteriores.

A proposta de se remontar a história do sistema minerário a partir de revisão bibliográfica, findou em registro histórico incompleto, visto que o mesmo não se evidenciou ao longo das pesquisas realizadas. Diante desta ausência de registros surgem as hipóteses de uso, observados outros sistemas semelhantes na região.

As propostas de localização, registro gráfico e fotográfico foram em geral positivas gerando material que pode ser utilizado como base para novas pesquisas e como parâmetro comparativo sobre o estado de preservação do bem cultural em momentos diferentes daqui em diante.

Um plano de preservação específico pode ser elaborado para este bem, visto ser mais prudente e economicamente viável preservar que perder-se uma ruína de grande valor histórico como esta.

É de grande importância o estudo arqueológico do sistema, para maiores esclarecimentos e possíveis correções de equívocos que possam aqui ter ocorrido durante as pesquisas históricas ou quanto às hipóteses levantadas.

A proposta de um plano unificado de conservação para os bens edificados de natureza histórica e cultural do município é válida, uma vez que Catas Altas participou

ativamente da história do desenvolvimento da Capitania de Minas Gerais no início do século XVIII e que ainda hoje preserva diversos feitos daqueles tempos.

Passados cerca de três séculos da chegada dos primeiros bandeirantes na região, é admirável saber que Catas Altas, no interior das Minas Gerais, guarda grandiosos registros que se revelam até os dias de hoje.

“As grandes nações escrevem a sua autobiografia em três manuscritos: o livro dos seus feitos, o livro das suas palavras e o livro da sua arte”.
John Ruskin (1819-1900)

REFERÊNCIAS

- BRANCO, Pércio de Moraes. **Os Solos** (18/08/2014)<<http://www.cprm.gov.br/publique/Redes-Institucionais/Rede-de-Bibliotecas---Rede-Ametista/Canal-Escola/Os-Solos-2620.html>> Acesso em 13 Ago. 2018
- BRASIL. **Decreto-Lei nº25, de 30 de Novembro de 1937**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVil_03/Decreto-Lei/Del0025.htm>. Acesso em:17 Jun.2018.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília**, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- BRITO, Karine Ferreira- **Pacto colonial-** (UFRJ-2016) <<https://www.infoescola.com/historia/pacto-colonial/>>acesso em:15/07/2018
- BURTON, Richard. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**. São Paulo: Itatiaia; USP, 1976.
- CARRATO, José Ferreira. **As Minas Gerais e os primórdios do Caraja**. Brasileira, 1963.
- CATAS ALTAS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: WikimediaFoundation,2018.Disponívelem:<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Catas_Altas&oldid=52695975>. Acesso em: 19 jul. 2018. (Exclusivamente figura 1)
- CHAVES, Lázaro Curvêlo – **Mineração no Brasil Colônia-** (revisado em 18/03/2018) <<http://www.culturabrasil.org/mineracao.htm>> acesso em 15/07/2018
- FERRAND, Paul. **O Ouro em Minas Gerais** / Paul Ferrand; tradução Julio Castanon Guimarães, Notas João Henrique Grossi, Friedrich E, Renger, Estudos críticos João Henrique Grossi...[*et al*]- Belo Horizonte: Sistema Estadual de Planejamento;Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1998.350p. Tradução de: *L'or a Minas Geraes*.
- FERREIRA, Eduardo Evangelista. **Patrimônio mineiro na Serra do Veloso em Ouro Preto-MG: registro, análise e proposição de circuitos geoturísticos interpretativos**. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado em Evolução Crustal e Recursos Naturais) – Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.
- FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. **Dossiê de tombamento, capela de Sant'Ana** – chapada; Prefeitura de Ouro Preto, secretaria municipal de cultura; 2005.
- GUIMARÃES, C. M.: **Arqueologia da Mineração Colonial (MG - século XVIII)**. In: XXIII Simpósio Nacional ANPUH: História: Guerra e Paz, 2005, Curitiba. Programas e Resumos do XXIII Simpósio Nacional de História: guerra e paz (ANPUH). Londrina: Editorial Mídia, 2005. v. único. p. 151-151.
- IBGE. **Catas Altas, Panorama**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/catas-altas/panorama>> Acesso em: 02 Ago. 2018.
- IPHAN. **Livros do Tombo**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/608>> Acesso em: 19 Jun. 2018.

- Prefeitura Municipal de Catas Altas. **História de Catas Altas**. Disponível em: < <http://catasaltas.mg.gov.br/>> Acesso em: 02 Ago. 2018.
- Santuário do Caraça. Disponível em: < <http://www.santuariodocaraca.com.br/>> Acesso em: 02 Ago. 2018
- SOUZA, José Evangelista de. **Catas Altas do Mato Dentro; Sua história e sua gente**. 222p. Contagem: Líthera Maciel, 1998.
- SOUZA, José Evangelista de. **Catas Altas do Mato Dentro; Sua história e sua gente. Vol.II** 375p. Contagem: Líthera Maciel, 2004.
- VOLPATO, Luiza Rios Ricci, editora Global- **Entradas e Bandeiras** – resumo, diferenças, história, objetivos, (2014)<https://www.historiadobrasil.net/resumos/entradas_bandeiras.htm> acesso me 17 Jul 2018

R484d Ribeiro, Italo Mendonça.
Dossiê de tombamento do Sistema Minerário Boa Vista em Catas Altas - MG . [Manuscrito]. / Italo Mendonça Ribeiro. Ouro Preto – MG – 2018.
80 f.

Orientador: Rodrigo Otávio de Marco Meniconi.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Conservação e Restauro) – Instituto Federal Minas Gerais, Campus Ouro Preto.

1. Mineração setecentista – Monografia. 2. Tombamento – Monografia. I. Meniconi, Rodrigo Otávio de Marco. II. Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto. Tecnologia em Conservação e Restauro. III. Título.

CDU 719

Catálogo: Biblioteca Tarquínio J. B. de Oliveira - IFMG – Campus Ouro Preto